

ROSENEIDE FASSINA

ATRATIVIDADE DA CARREIRA DOCENTE: um estudo com pedagogas iniciantes.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

Santos

2013

ROSENEIDE FASSINA

ATRATIVIDADE DA CARREIRA DOCENTE: um estudo com pedagogas iniciantes.

Dissertação apresentada ao programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Católica de Santos - UNISANTOS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação da Professora Doutora Maria Amélia do Rosário Santoro Franco.

Santos

2013

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra Maria Amélia S. Franco
Universidade Católica de Santos – UNISANTOS

Profa. Dra _____

Profa. Dra _____

A Isabela amor incondicional.

“Gente, espelho da vida doce mistério”

Agradecimentos

Agradeço a Universidade Católica de Santos, pela esta oportunidade de realizar um sonho, a minha orientadora, Maria Amélia Santoro Franco, por todo entendimento, contribuição e generosidade. Para todas as Professoras do mestrado, exemplos de dedicação a serem seguidos. A todos os colegas de curso que me ajudaram a escrever este momento da minha história.

RESUMO

Este trabalho teve como base a questão da escolha da profissão docente, a sua atratividade e como ela é percebida pelos professores iniciantes de educação infantil. O problema de pesquisa volta-se ao estudo das razões pelas quais os jovens escolhem ser professores. Objetiva-se compreender as escolhas de profissão dos professores iniciantes e também entender qual a percepção que eles possuem do trabalho pedagógico que desempenham. A identificação das concepções de docência e pedagogia é outro dos objetivos que este trabalho se propôs. Foi usada uma metodologia de pesquisa bibliográfica e trabalho de campo, onde se aplicaram questionários para melhor entender as opções e concepções dos professores iniciantes. Dentre os autores consultados para a fundamentação teórica salientam-se os nomes de Contreras, Tardiff, Charlot, Selma Pimenta, Paulo Freire, Gatti, Libâneo entre outros que abordam as temáticas escolhidas na elaboração desta dissertação e que permitiram concluir que a profissão docente mantém alguma da sua atratividade, embora também sejam destacados os aspectos menos atrativos da mesma. As escolhas feitas pelos professores iniciantes que colaboraram no estudo estão, na sua maioria, relacionadas com os sonhos e anseios de criança e com o gosto de ensinar. Foi ainda possível verificar que os conceitos de Pedagogia e Docência se confundem, de acordo com as explicações dadas pelos entrevistados. Embora a profissão já não seja vista os mesmos olhos, o gosto de ensinar e partilhar conhecimentos e informação, ajudar na construção da personalidade das crianças ainda se mantém intacta.

Palavras-Chave: Atratividade; Pedagogia, Docência, Profissionalidade.

ABSTRACT

This paper was based on the question related to the choice of the teaching profession, its attractiveness and how it is perceived amongst beginning teachers of children education. The research question takes us on the reasons why young people choose to teach. The objective is to understand the profession choices of beginning teachers and also understand the perception they have of the pedagogical work they perform. The identification of conceptions of teaching and pedagogy is another of the objectives that this study aims. A bibliographic and field research methodology was used, in which questionnaires were administered to better understand the options and conceptions of beginning teachers. Among the authors consulted for theoretical reasons can be underline the names of Contreras , Tardiff , Charlot , Selma Pimenta, Paulo Freire , Gatti , Libâneo among others that address the chosen themes of this dissertation and allowed to concluded that the teaching profession maintains some of its attractiveness, although they also highlighted the less attractive aspects of it. The choices made by beginning teachers who collaborated in the study are mostly related to the dreams and aspirations when they were children and the love for teaching. It was still possible to verify that the concepts of Pedagogy and Teaching are mingle, according to the explanations given by the respondents. Although the profession no longer seen with the same perspective, the love to teach and share knowledge and information, help in building the personality of children still remains intact .

Keywords: Attractiveness; Pedagogy, Teaching, Professionalism

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABRH: Associação Brasileira de Recursos Humanos
CNE/CP: Conselho Nacional de Educação / Conselho Pleno
ENADE: Exame Nacional de Desempenho de Estudantes
PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação
PUC-SP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
RH: Recursos Humanos

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Saberes dos Professores	50
Quadro 2 – Perguntas Bloco III	52
Quadro 3 – Pergunta 1 - Resumo	52
Quadro 4 – Pergunta 2 - Resumo	58
Quadro 5 – Pergunta 3 - Resumo	58
Quadro 6 – Perguntas Bloco IV	59
Quadro 7 – Pergunta 1 - Resumo	59
Quadro 8 – Pergunta 2 - Resumo	60
Quadro 9 – Pergunta 3 - Resumo	60
Quadro 10 – Perguntas Bloco V	61
Quadro 11 – Pergunta 1 - Resumo	61
Quadro 12 – Pergunta 2 - Resumo	61
Quadro 13 – Pergunta 3 - Resumo	62
Quadro 14 – Pergunta 4 - Resumo	62
Quadro 15 – Pergunta 5 - Resumo	63
Quadro 16 – Pergunta 6 - Resumo	64
Quadro 17 – Pergunta 6 - Resumo	64
Quadro 18 – Pergunta 7 - Resumo	64
Quadro 19 – Pergunta 8 - Resumo	65
Quadro 20 – Pergunta 9 - Resumo	66
Quadro 21 – Pergunta 10 - Resumo	66
Quadro 22 – Pergunta 11 - Resumo	66

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Continuidade da Pesquisa.....	54
Gráfico 2 – Idade dos Entrevistados	54
Gráfico 3 – Formação Acadêmica	55
Gráfico 4 – Início da atividade profissional	55
Gráfico 5 – Local de residência	56
Gráfico 6 – Local de nascimento	56
Gráfico 7 – Profissão do pai.....	56
Gráfico 8 – Escolaridade do pai	57
Gráfico 9 – Profissão da mãe	57
Gráfico 10 – Escolaridade da mãe.....	57

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 METODOLOGIA	17
2. ATRATIVIDADE DA PROFISSÃO DOCENTE	21
2.1 CONCEITO DE PROFISSIONALIDADE	28
3. EDUCAR E EDUCAÇÃO	36
3.1 PEDAGOGIA: CONCEITOS E DEFINIÇÕES.....	38
3.2 DOCÊNCIA E TRABALHO DOCENTE	45
3.2.1 O professor	49
3.2.2 O professor / o pedagogo – iguais ou diferentes?	52
4 PERFIL DA AMOSTRA	54
4.1 ANÁLISE DOS DADOS	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	72
OS QUESTIONÁRIOS (ANEXO A)	77

INTRODUÇÃO

Quais são as pessoas que influenciam a trajetória de vida, que desempenham um papel importante no itinerário intelectual ou na concepção da vida profissional? Essas pessoas acompanham todo o percurso de vida ou intervêm apenas em um dado momento? Elas são sempre reais ou, por vezes, são também imaginárias (NÓVOA, 1988, p. 132)

Ao parar para pensar em escrever este memorial, lembro-me do dia que tive que fazer a opção, entre continuar o curso pós-graduação de psicologia, mais precisamente o curso de psicologia comunitária da PUC SP, para trabalhar na empresa familiar, com o desafio de iniciar o departamento de Recursos Humanos (RH). A decisão foi por questões financeiras, não tinha como continuar sem o apoio financeiro do meu pai. Na ocasião, estabeleci que quando tivesse condições financeiras continuaria a partir deste ponto. Estávamos na década de oitenta e como todo jovem, acreditava que teria todo o tempo do mundo.

Na trajetória de profissional de recursos humanos participei de diversos cursos de formação e aperfeiçoamento. Para suprir a demanda do social me engajei em vários projetos sociais como voluntária.

Durante a trajetória muitos profissionais ligados a minha área de RH me inspiraram a sempre continuar me capacitando com aprendizagens e atualizações, para a aquisição de conhecimentos que fizessem a diferença competitiva num mundo globalizado. Nesta crescente preocupação com esse aspecto, busquei esse conhecimento junto de instituições como, por exemplo, a ABRH – Associação Brasileira de Recursos Humanos.

Minha identidade influenciada também pelo curso de psicologia foi se compondo com as inquietações de ser uma pessoa em busca de melhorias tanto como pessoa como profissional. Dentro desta convivência de grupos foi que recebi o primeiro convite para ingressar como professora universitária com aulas para os cursos tecnológicos (Gestão Portuária e Logística) na disciplina de gestão de pessoas. Fazia sentido pelo fato de ter 25 anos de RH na empresa ligada a Comércio Exterior. Apesar de achar que não daria conta deste desafio, resolvi aceitar para ter certeza de ter ao menos tentado.

Exatamente após o início nesta experiência que proporcionava agir diretamente com os alunos, me dei conta que esta interação aumentava minhas possibilidades na

construção de uma relação de trocas onde o esforço de estudar como ensinar melhorava sensivelmente meu desempenho, e me trazia de volta a efervescência da época da minha formação universitária, com a quantidade de informação muito maior devido às mudanças que ocorreram na universidade, incluindo-se as novas tecnologias da informação.

Neste reinício comecei a refletir a respeito do papel do docente frente aos novos desafios que a profissão nos coloca. Percebi que teria que melhorar muito para ser a profissional que eu sempre imaginei estar em busca. Nesta mesma ocasião fui convidada a contribuir com meus conhecimentos na direção de uma Instituição sem fins lucrativos, como voluntária, onde existe uma creche de zero a 5 anos e 11 meses. Esta interação de busca de recursos para manter a instituição com padrão de excelência me colocou em contato com outras realidades e dificuldades operacionais tanto para obtenção de recursos financeiros como de obtenção dos recursos humanos. Foi aí que surgiu o questionamento que se tornou meu problema central da pesquisa, ao qual se pretende dar resposta investigando a escolha da profissão docente, sua atratividade, como ela é percebida pelos professores iniciantes.

Silva, Esposito e Gatti (1994), analisando dados de pesquisa que realizaram sobre características de professores de ensino fundamental mostram que, em se tratando da imagem social do professor, 83% dos pesquisados apontam salário indigno para a vida atual como o fato mais revelador da desvalorização social dos docentes. Para 48% deles, esta desvalorização se faz presente nas arbitrariedades dos administradores da educação e na falta de respeito geral com que se tem o tratado o professorado; 37% chegam a apontar que esta imagem desvalorizada pesa na perda de respeito por parte dos alunos em relação aos professores. O peso da desvalorização social faz-se presente e, com certeza, afeta o clima de trabalho dos professores (GATTI, 2000).

Estas indagações começaram a emergir e me motivou a procurar os motivos que levam um jovem a escolher a carreira docente, dada sua baixa atratividade social. Assim, minha pesquisa procurou investigar as motivações da escolha da profissão professor/pedagogo e buscar também compreender como se forma a identidade como professor/pedagogo.

Para além dessa procura, foi importante para mim entender porque os jovens professores, aqueles que ainda estão no início da profissão escolheram a pedagogia e a educação infantil e como eles se vêem nessa duplicidade de funções, entre ser pedagogo e/ou educador, dentro dos obstáculos que lhes são colocados no exercício da profissão,

bem como das possibilidades que essa prática lhes proporcionam.

Como explica Ghedin e Franco (2011), o sentido não se esgota em si mesmo; reveste-se da complexidade da realidade, ou seja, desdobra-se em outros sentidos e multiplica sua riqueza significativa. Por conseguinte, só é possível interpretar o que possui mais de um sentido. É a variedade deles que possibilita uma interpretação e uma significação das atribuições de sentido às coisas.

Nas questões relacionadas à escolha da profissão há que ter em conta dois tipos de fatores: os intrínsecos e extrínsecos. Ao mesmo tempo em que se dá grande importância à docência, enquanto uma profissão de relevância na formação das pessoas e de reconhecimento da função social que exercem não se deixa de mencionar o fato da mesma ser, hoje em dia, uma profissão desvalorizada, tanto no aspecto social quanto financeiro e também o desrespeito com que os profissionais da área são tratados, pelos alunos, pelo governo e pela sociedade, em geral (GATTI *et al.*, 2009).

O sentido que os jovens atribuem ao “ser professor” está incorporado ao contexto social, político e cultural mais amplo em que vivem e também, ao próprio processo de sua socialização escolar. A sociedade brasileira constrói uma imagem contraditória da profissão: ao mesmo tempo em que ela é louvável, o professor é desvalorizado, social e profissionalmente, e, muitas vezes, culpabilizado pelo fracasso do sistema escolar (GATTI *et al.* 2009, *online*).

Estudos relacionados com diversas carreiras profissionais nas sociedades contemporâneas têm características ligadas à especialização, mas também aquilo que elas representam simbolicamente para a sociedade e que vai variando no espaço e no tempo, em função de aspectos culturais, educacionais e políticos. Em termos sociológicos, aquilo que se percebe é que a valorização real de uma determinada área profissional se reflete na estrutura de carreira e nos salários, nas condições de trabalho ou relacionados a todos estes aspectos (GATTI; BARRETO, 2009).

As primeiras noções sobre docência tinham associadas idéias como “vocação, sacerdócio, missão” e esses aspectos afastaram a profissão do centro da luta por melhores condições salariais. Aspectos esses que ainda hoje perduram. As carreiras que não são particularmente atrativas em termos salariais afastam os jovens na hora de escolherem para onde seguir (GATTI; BARRETO, 2009).

O salário inicial de professores no geral tem sido baixo quando comparado a outras profissões que exigem formação superior [...] e isso tem pesado sobre as características de procura por este trabalho.

Entre outros fatores, carreira e salários que estão associados a desprestígio profissional com certeza pesam tanto na procura por esses cursos, como sobre o ingresso e permanência na profissão (GATTI; BARRETO, 2009, p. 240).

A precarização da profissão, envolvendo as condições de trabalho que são oferecidas aos professores, salários, progressão de carreira, ligados à evolução da sociedade, em constantes mudanças, obrigando os professores a um processo de adaptação e ajuste sistemático a essas novas condições, sem o devido apoio e acompanhamento dos responsáveis pelas escolas levou a que me questionasse:

Na atualidade, o que leva à escolha da profissão de professor, sabendo que esta não é uma carreira que ofereça grandes oportunidades de ascensão, como outras profissões e onde ser professor não tem mais o glamour que teve em outros tempos?

Estar cursando mestrado em educação, com linha de pesquisa em formação de professores, é um grande desafio, mas desafios são molas propulsoras, o que nos move em busca dos nossos propósitos e após a realização de várias leituras para tentar entender as escolhas, concepções e como é construída a profissionalidade dos pedagogos, os objetivos que me nortearam foram:

- a) compreender as escolhas da profissão de professores iniciantes de educação infantil;
- b) compreender a percepção que os professores iniciantes possuem do trabalho pedagógico que realizam;
- c) identificar as concepções de docência e pedagogia elaboradas por vários autores bem como dos professores inquiridos.

Os dados de pesquisa deixaram claro o motivo pelo qual a maioria escolhe esse rumo, é algo que ainda se mantém desde criança, quando pela primeira vez se pensou: quero ser professora. Para muitos foi a concretização de um objetivo, um sonho de criança que acabou se tornando realidade e que, por isso mesmo, ainda vai mantendo a mesma chama, a mesma vontade de ensinar, de estar na profissão, apesar de todas as contrariedades.

Mas tanta coisa acontece que faz colocar em questão essa atratividade pela profissão, pelo trabalho de ensinar, que vale tentar entender o que torna esta profissão tão atrativa e também aquilo que a vai deixando um pouco menos procurada pelos

jovens. Nesse intuito, esta pesquisa se apresenta estruturada da seguinte forma:

No capítulo I são abordados os procedimentos metodológicos utilizados na elaboração do trabalho.

O capítulo II versa sobre a atratividade da profissão docente e o conceito de profissionalidade.

No III capítulo é abordada a questão da educação, os conceitos de pedagogia e docência e as diferentes interpretações entre o ser professor e pedagogo.

No capítulo IV são apresentados e analisados os dados referentes ao trabalho de campo, apresentando-se os elementos recolhidos nas entrevistas e seus conteúdos.

São ainda apresentadas as considerações finais bem como as referências à bibliografia consultada para a elaboração do trabalho.

1. METODOLOGIA

O método é aquilo que possibilita a interpretação, mediante algum instrumento, do objeto que possui mais de um significado. Parte-se aqui dessa ideia geral de método por entender que cada objeto investigado está carregado de sentidos, passíveis de estruturação e organização. O pesquisador organiza esses sentidos do objeto por meio do discurso, que o interpreta e expressa o que ele é. O discurso é que possibilita a constituição da ciência (GHEDIN; FRANCO, 2011, p. 25).

“Pesquisar é um ato de debruçar-se sobre o que percebemos e entendemos como as realidades, sobre os sujeitos que estão inseridos nestas realidades.” (BATISTA, 2012, p. 29).

Ao falar-se da pesquisa, é feita uma reflexão sobre a forma como deve ser feita a abordagem. Existem dois tipos de abordagens: qualitativa e quantitativa e estas duas não são estanques, podem “ser conjugadas de forma “quantiqualitativa” para que os objetos de estudo na área educacional sejam mais conhecidos” (GHEDIN; FRANCO, 2011, p. 29).

Como exemplos deste tipo de pesquisa podem enunciar-se a etnográfica, a pesquisa-ação, a história de vida e a pesquisa documental, no entanto, essas formas também podem conjugadas com elementos quantitativos.

A escolha da pesquisa qualitativa é pertinente levando em consideração o posicionamento de Watson (1985), quando a caracteriza com descrições detalhadas de situações, eventos, pessoas, interações e comportamentos que são observáveis. Ademais ela incorpora o que os participantes dizem das suas experiências, atitudes, crenças, pensamentos e reflexões, tal como expressadas por eles mesmos.

Ainda justificando o tipo de pesquisa qualitativa, é visível que o imaginário do sujeito pesquisado não pode ser quantificado, pois seu universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes correspondem a um espaço mais profundo de relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalidade de variáveis (MINAYO, 1994).

No decorrer deste trabalho a metodologia foi dividida em duas partes: a primeira onde se realizou uma pesquisa bibliográfica. Este tipo de pesquisa faz um apanhado geral sobre trabalhos que já foram realizados, com informação relevante e importante, que é capaz de fornecer dados atuais e relacionados com o tema. Outro

aspecto importante é que antes de iniciar a pesquisa de campo, o primeiro passo é (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 158):

[...] a análise minuciosa de todas as fontes documentais, que sirvam de suporte à investigação projetada. A investigação preliminar – estudos exploratórios – deve ser realizada através de dois aspectos: documentos e contatos diretos. Os principais tipos de documentos são as fontes primárias: dados históricos, bibliográficos e estatísticos; informações, pesquisas e material cartográfico; arquivos oficiais e particulares; registros em geral; documentação pessoal (diários, memórias, autobiografias); correspondência pública ou privada etc; e as fontes secundárias: imprensa em geral e obras literárias.

Em um outro momento, foi realizado trabalho de campo, que se constitui como um conjunto de ações que são orientadoras dos procedimentos de pesquisa, dentro de um determinado contexto, com o objetivo de compreender o objeto de investigação. Esta é a forma que é utilizada pela maior parte dos investigadores qualitativos para recolher os seus dados de pesquisa (GHEDIN; FRANCO, 2011).

Para isso foram aplicados questionários a jovens professores iniciantes para inquirir quais as motivações que os levaram a optar pela carreira docente, traçando também um perfil socioeconômico dos participantes da pesquisa. Algumas das perguntas foram direcionadas para que numa fase posterior desta pesquisa, se pudesse adotar a metodologia das histórias de vida, aqueles que aceitassem participar da segunda fase da pesquisa.

A abordagem “histórias de vida e formação” inscreve-se na corrente das metodologias hermenêuticas de investigação que estabelecem a compreensão de ser compreensivo sobre o trabalho de interpretação intersubjetiva de um material linguístico evocando a interioridade dos atores, ou mais precisamente ainda, a vida deste mundo interior através das representações, das ideias, dos sentimentos, das emoções, do imaginário, dos valores, dos projetos e das buscas que o constituem e o animam (JOSSO, 2002, p. 141-2).

Ciampa (2005, p. 146) afirma que, na verdade, “a realidade é sempre movimento, é transformação. Quando um momento biográfico é focalizado, não o é para afirmar que só aí a metamorfose está se dando, é apenas um recurso para lançar mais luz num episódio onde é mais visível o que está se afirmando”.

Assim, o objetivo é transformar a trajetória como pesquisadora através das “histórias de vida” (JOSSO, 2006).

Sobre o que me apoio para pensar ser aquele ou aquela que penso ser e quero tornar-me? Como eu me configurei como sou? E como me transformei? Sobre o que me baseio para pensar o que penso? De onde vêm as idéias que acredito serem minhas? Sobre o que me apoio para fazer o que faço? Com quem e como aprendi meu “saber-fazer” em suas dimensões técnicas pragmáticas e relacionais? [...] De onde vem minha inspiração, minhas aspirações e meus desejos? (JOSSO, 2006, p- 25-6).

Esta abordagem de história de vida tornou-se uma forma de investigação muito em voga nas Ciências Humanas e perseguem dois tipos de objetivos teóricos. Assinalam um processo de passagem do posicionamento do investigador, através da procura e apuramento de metodologias de investigação-formação e por outro lado, assinalam também o contributo do novo conhecimento destas metodologias, delimitando um novo território reflexivo, que abrange a formação, a auto formação e as suas características, bem como os processos de formação específicos, de públicos específicos (JOSSO, 2006).

Cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Um projeto de vida. Uma vida-que-nem-sempre-é-vivida, no emaranhado das relações sociais. [...] No seu conjunto, as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas, cada uma por ela. (CIAMPA, 2005, p. 132).

A originalidade do método de investigação Histórias de Vida consiste na preocupação constante de fazer com que os autores das narrativas consigam atingir uma produção de conhecimentos que faça sentido para eles, que eles mesmos façam parte de um projeto de conhecimento que os veja como sujeitos (JOSSO, 2006).

As histórias de vida postas ao serviço de um projeto devem ser, necessariamente, adaptadas à perspectiva definida no próprio projeto.

O que está em jogo, nesta metodologia Histórias de Vida não é apenas a compreensão de como é feita a nossa formação ao longo da vida, através do conjunto das experiências pessoais, mas também a forma como tomamos consciência desse fato permite encarar um itinerário de vida, as experiências formadoras que se adquirem, as oportunidades socioculturais que se soube aproveitar. É a transformação da vida socioculturalmente programada, como uma obra em construção (JOSSO, 2006).

As narrativas de vida contam vivências mas já envolvem uma significação, essa narração é inscrita num contexto interpretativo que é constituído por vivências

consideradas semelhantes de um referencial teórico que funciona como grelha interpretativa. Essa abordagem, essa reflexão sobre a vida é centrada no salientar de experiências consideradas significativas (JOSSO, 2006).

A técnica de pesquisa utilizada foi a de aplicação de questionários com questões estruturadas e semiestruturadas, de caráter exploratório e que foi aplicado a todo o corpo docente da Instituição e abordaram temas que permitissem saber um pouco o seu percurso, pessoal e profissional e que elaborassem sobre as razões da escolha profissional. As perguntas do questionário estão enunciadas no sub capítulo 4.1, por uma questão de organização estrutural do trabalho e também por forma a auxiliar na leitura e entendimento da avaliação realizada em função das respostas dadas pelos entrevistados. Foram recebidos os resultados de 11 questionários.

2. A ATRATIVIDADE DA PROFISSÃO DOCENTE

Nas últimas décadas as carreiras profissionais caracterizam-se pela instabilidade, sobretudo em função das mudanças sociais que ocorrem, contrariamente ao que acontecia em anos anteriores quando as mesmas eram marcadas pela estabilidade de emprego e por uma progressão natural da carreira (GATTI, 2009).

Talvez por isso o momento de escolher uma carreira profissional é determinante na vida dos jovens e existem uma série de fatores que influenciam na decisão da profissão e na inserção no mundo do trabalho. Esse processo de escolha da profissão para inserção no mundo do trabalho vem se tornando cada vez mais competitivo e confuso, já que há que pensar em uma série de variáveis que influenciam essa mesma decisão (GATTI, 2009).

Para além das suas próprias características individuais, o entorno histórico, social, político, familiar, econômico tem influência na hora de decidir (PALAZZO, 2011). O fator familiar é apontado como sendo um dos principais fatores de decisão, podendo ajudar ou complicar a decisão e por isso é importante haver um grande conhecimento pessoal e também daquilo que é esperado de si, em função do valor que é dado a determinada profissão. A escolha profissional irá influenciar a vida financeira, familiar, pessoal, de forma direta ou indireta (SANTOS, 2005).

As seleções que são feitas e os seus resultados do acesso ao ensino superior geram diferentes rigores para as pessoas que são originárias de diferentes classes sociais (BOURDIEU, 2007). Essas diferentes origens sociais também se refletem no momento da seleção dos cursos, já que pessoas de classe social mais alta escolhem, geralmente, cursos com maior prestígio social. Pelo contrário, os cursos considerados como sendo de baixo prestígio social são mais concorridos por pessoas com menor poder aquisitivo (VARGAS, 2010).

A profissão docente gozava inicialmente, de um status social mais notório, contudo esse prestígio foi sendo modificado e perdido ao longo dos tempos (JESUS, 2004). No entanto, ela vai mantendo a atratividade devido a uma série de fatores, tal como é sugerido em alguma literatura internacional, dentre os quais se podem mencionar (OECD, 2005):

- a) Flexibilidade, já que a maioria dos professores tem a opção de trabalhar em tempo parcial, podendo acomodar outros trabalhos na própria escola onde

- atuam ou fora desta, de acordo com as suas necessidades pessoais;
- b) Férias, porque os professores geralmente têm férias mais longas e com maior frequência do que os profissionais de outras áreas;
 - c) Baixa taxa de desemprego, uma vez que os professores raramente se encontram desempregados durante longos períodos de tempo;
 - d) Altruísmo, os professores acreditam que podem contribuir para o desenvolvimento social.

Assistiu-se durante os últimos anos a uma diminuição da procura da profissão de professor, por parte dos jovens e essa diminuição foi resultado de uma série de mudanças no mundo do trabalho mas não só. Mudanças no contexto político, econômico, cultural e social que resultaram nessa diferença de postura na hora de escolher o seu futuro profissional (GATTI et al., 2009).

Atualmente não existem estudos quantitativos que documentem a atratividade da carreira docente no Brasil. Entretanto, a pesquisa qualitativa sugere que o benefício mais significativo – estabilidade no emprego para os contratados – não é suficiente para compensar as condições negativas de trabalho, como o pouco reconhecimento público e o baixo status (LOUZANO *et al.*, 2010 p. 543).

Na prática, este sentimento de descrédito da profissão e conseqüente distanciamento na hora de optar por uma carreira não é de agora, ele vem sendo sentido há algum tempo, tal como se pode inferir das palavras de Nóvoa (1995) quando afirma que o que se verifica é um acirramento da crise que a profissão docente sofre e que vem se prolongando. Em virtude desse fato, assiste-se à desmotivação e daí para os elevados níveis de absentismo, abandono e insatisfação.

Relacionada à atratividade das carreiras profissionais devem considerar-se os aspectos de natureza objetiva e subjetiva. Objetivamente, os empregos estáveis e remunerados estão sendo substituídos por formas de contrato mais flexíveis, que não dão muitas garantias de estabilidade do emprego a longo prazo (LEVENFUS; NUNES; 2002).

Contudo, dos estudos realizados pode retirar-se a ideia que além dos salários iniciais serem pouco atrativos, a longo prazo a carreira docente não parece muito promissora já que com a experiência adquirida, existem ocupações mais promissoras e vantajosas do que a carreira docente (LOUZANO *et al.*, 2010).

De acordo com o relatório da OECD (2005), as gerações futuras terão perante si uma maior opção na escolha da sua carreira profissional, com melhores salários, melhores condições de trabalho e melhor *status*, pelo que a profissão de professor não será para toda a vida, apenas por tempo determinado já que as condições que lhes são apresentadas na profissão docente, em vários níveis, não lhes permitem pensar em uma velhice tranquila e uma aposentadoria digna.

Para algumas das pessoas que optam pela profissão, o salário é considerado um complemento, contudo para outros que talvez sejam a maioria, o salário é fundamental para a manutenção da família, particularmente naqueles grupos constituídos por mulheres (a maioria na profissão) e que são provenientes das camadas mais baixas das escalas de indicadores socioeconômicos. Estas mulheres procuram ascender socialmente através da instrução e esta é uma profissão que lhes permite terem visibilidade social, trabalhando fora do lar. Para estas últimas, a contribuição da profissão está diretamente relacionada com a ajuda que pode fornecer à manutenção da família, com o fato de ser um emprego mais seguro e que permite conciliar a atividade profissional com a familiar (GATTI, 1996).

Subjetivamente, deve ser levada em consideração a forma como cada um analisa e percebe a sua carreira e aquilo que é para si próprio, a carreira profissional.

Um estudo elaborado pela Fundação Victor Civita (2009), relacionado com a atratividade da carreira docente, apresenta em uma das suas questões algumas razões que influenciam positivamente na decisão dos jovens a se tornarem professores. Essas razões são :

- a) possibilidade de ensinar e transmitir conhecimento;
- b) interesse por área específica do conhecimento;
- c) identificação profissional;
- d) possibilidade de formar e influenciar novas gerações;
- e) possibilidade de trabalhar com crianças;
- f) valorização das relações interpessoais;
- g) realização pessoal (prazer, amor, desejo, gostar);
- h) possibilidade de influenciar/transformar a realidade social;
- i) identificação pessoal;
- j) oportunidades no mercado de trabalho;
- k) influência familiar;

l) influência dos professores.

Como se pode verificar, todo este processo de escolhas profissionais não está apenas relacionado com as características pessoais, mas também com o contexto social e histórico em que cada um se insere. Prova disso é que no Brasil, a opção por uma carreira no serviço público é cada vez mais procurada, através de concurso público, sobretudo pela estabilidade que é conseguida e que está protegida por lei (GATTI *et al.* 2009).

A opção pelo magistério faz parte dessa mixagem de escolhas e de significados

[...] as motivações para o ingresso no Magistério [...] permanecem no campo dos valores altruístas e da realização pessoal, estando fortemente ancoradas na imagem de si e na experiência cotidiana, a saber: o dom e a vocação, o amor pelas crianças, o amor pelo outro, o amor pela profissão, o amor pelo saber e a necessidade de logo conquistar certa autonomia financeira (SILVA; ESPÓSITO; GATTI, 1994, p. 10).

Mas a atratividade que a carreira docente evidencia também contempla algumas contradições, sobretudo relacionadas ao “estar professor” e que oscilam entre a satisfação e a frustração, entre a escolha e a necessidade. Embora aqueles que nela se encontram enumerem razões de ordem pessoal, como seja o amor ao trabalho, às crianças, à facilidade de horários e razões de ordem social, como o querer contribuir para a sociedade em que se inserem, o fato é que aquilo que se observa é uma menor procura pela atividade docente (GATTI *et al.* 2009).

A pouca atratividade da carreira docente está hoje vinculada aos seguintes fatores (VALLE, 2006):

- a) incerteza do futuro da profissão;
- b) baixos salários;
- c) possibilidades limitadas de ascensão pessoal; e
- d) precaridade das condições de trabalho.

No mesmo alinhamento das afirmações anteriores, o estudo da Fundação Victor Civita (2009) apurou na sua pesquisa que os fatores mencionados como negativos na profissão de professor:

- a) a falta de identificação pessoal;
- b) a baixa remuneração;
- c) falta de identificação profissional;
- d) a desvalorização social da profissão;
- e) exigência de envolvimento pessoal na profissão;
- f) o desinteresse pela escola da parte dos alunos e o seu desrespeito pelo professor;
- g) as condições de trabalho que os professores enfrentam.

Os salários são pouco atrativos e os planos de carreira que quase não existem para estimular, recompensar e motivar os professores que já exercem a sua profissão, acaba por interferir na decisão de carreira profissional dos jovens e também na valorização social do próprio professor (PIMENTEL; PALAZZO; OLIVEIRA, 2009).

As reformas econômicas e educacionais que vem sendo aplicadas, tanto em nível global como no Brasil foram consolidando e impregnando marcas na classe trabalhadora e nos trabalhadores em educação, particularmente. A precarização do trabalho, o subemprego, os desemprego, os trabalhos temporários, os salários aviltantes, a procura da qualificação que o mercado exige, todos estes fatores caracterizam e permeiam a profissão docente atualmente. Acresce a violência que acontece em muitas escolas e tudo somado, vai afastando os potenciais candidatos a esta nobre profissão.

Existe uma grande diferença entre a imagem que se tem da função docente e o que acontece na realidade. No exercício da sua função cotidiana, o professor lida com problemas como a violência, a falta de disciplina, o desinteresse dos alunos, para além de gerir as mudanças relacionadas com a sua própria profissão. Embora seja uma atividade complexa, o prestígio que essa profissão suscita vem diminuindo, já que entre o idealismo e a realidade, o abismo vem sendo cada vez maior. Até porque a profissão docente tem-se tornado menos seletiva, com pessoas exercendo a docência sem a formação específica ou preparo profissional para o fazer e isso acontece porque a situação se apresenta como uma alternativa profissional viável e não por opção deliberada (JESUS, 2004).

A educação como principal meio de distribuição de renda e garantia de mobilidade social será combinada à noção de que o acesso, hoje, à

cultura escrita, letrada e informatizada é inevitável e constitui-se no único meio de ingressar ou permanecer no mercado de trabalho. [...] Observa-se então, um duplo enfoque nas reformas educacionais que se implantam na América Latina: a educação dirigida à formação para o trabalho e a educação orientada para a gestão ou disciplina da pobreza. A fórmula para se expandirem os sistemas de ensino de países populosos e com grandes níveis de desigualdade social será buscada por meio de estratégias de gestão e financiamento, que vão desde a focalização das políticas públicas educacionais ao apelo ao voluntarismo e ao comunitarismo (OLIVEIRA, 2004, p. 1130).

Para evitar a diminuição de docentes há que tomar algumas medidas e perceber o que pode ser feito para haja uma maior atratividade pela docência

O sentido que os jovens atribuem ao “ser professor” está incorporado ao contexto social, político e cultural mais amplo em que vivem e, também, ao próprio processo de sua socialização escolar. A sociedade brasileira constrói uma imagem contraditória da profissão: ao mesmo tempo em que ela é louvável, o professor é desvalorizado, social e profissionalmente, e, muitas vezes, culpabilizado pelo fracasso do sistema escolar (GATTI *et al.*, 2009, *online*).

Estudos realizados demonstram que a imagem instaurada acerca da docência é aquela que equipara essa profissão ao exercício de um dom, de uma atividade que é exercida de forma sacrificada, até porque dadas as condições que são oferecidas para quem trabalha como professor, a desvalorização constante, social e financeira é tolerada em função de um bem maior.

Hoje, perante as variadas funções que a escola pública assume, o professor acaba tendo que responder a exigências que estão além da sua formação. Muitas vezes são chamados a desempenhar funções de agente público, de assistente social, psicólogo, entre outras e muitas vezes, essas exigências trazem um sentimento de desprofissionalização, de perda de identidade profissional e da constatação de que, muitas vezes, ensinar passou para plano secundário (OLIVEIRA, 2004).

Atualmente, a sociedade espera mais da escola do que aquilo que ela está preparada para produzir, significando que há uma distância que separa a imagem ideal da profissão docente e aquilo que ela é na realidade, na prática (FANFANI, 2007).

Em uma pesquisa publicada pela Fundação Carlos Chagas em 2009, relacionada com a atratividade da carreira docente, percebeu-se que em um dos grupos pesquisados e relacionado com a questão do abandono da carreira docente, nenhum queria ser professor e apenas o foram porque era a alternativa possível em determinado momento (LAPO; BUENO, 2003) e que muito provavelmente, a atividade docente é

olhada como um curso de nível superior, mas com alguma acessibilidade o que leva a que muitos dos que ingressam nos cursos de Pedagogia ou em licenciaturas o façam, não pelo interesse que tenham na atividade docente, mas pela facilidade.

Torna-se, por isso, urgente desenvolver ações que valorizem a profissão e por consequência, o profissional, evitando o declínio da docência, dando toda a assistência e permitindo o desenvolvimento profissional daqueles que por ela optam (GATTI *et al.*, 2009).

Outro aspecto que tem relevância nos estudos realizados pela OECD (2005) em vários países, entre os quais o Brasil é o baixo desempenho dos professores, quer isto dizer que a qualificação profissional de alguns deles não é a mais adequada e necessária perante as mudanças que ocorrem no sistema educacional, pelo que os países têm desenvolvido alguns programas para compensar esse baixo desempenho. No Brasil, uma das políticas educacionais colocada em prática, o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) teve como objetivo procurar superar as dificuldades que foram encontradas.

De acordo com o relatório, existem duas grandes preocupações relacionadas com a carreira docente e que estão relacionadas entre si: a escassez no número de professores sobretudo em algumas áreas, e a preocupação com o perfil do profissional em termos antecedentes acadêmicos, conhecimentos, capacidades, gênero. Existem dois indicadores para medir a escassez de professores e a falta de demanda na profissão: as taxas de vacância, que avaliam o número de vagas de professor não preenchidas nas escolas e o número de vagas difíceis de preencher, para além da chamada escassez oculta e que se registra quando o ensino é exercido por pessoas que não são completamente qualificadas para ensinar determinado nível escolar ou disciplina (GATTI *et al.* 2009, p. 16)

Os professores necessitam de redescobrir uma identidade coletiva, que lhes permita cumprir o seu papel na formação das crianças e dos jovens, já que grande parte das crenças que serviram de fundamento à profissão continuam atuais, como seja o sentimento de que lhes compete cuidar das crianças e do seu futuro. Assim sendo, é fundamental que os professores ocupem um espaço mais dinâmico.

Estas medidas tornam-se mais prementes quando se nota que o Brasil tinha, em 2007, cerca de 60% dos professores estariam mais próximos da idade de aposentadoria do que do seu início de carreira e a perspectiva era de que o país poderia correr o risco de ficar sem professores de Ensino Médio na rede pública, nos próximos dez anos

(BRASIL, 2007).

Segundo Faria (2013), os dados apresentados pelo Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE) em 2011 apontam que

Os concluintes de cursos de licenciatura e pedagogia obtêm notas inferiores aos dos concluintes das áreas de engenharia e tecnologias na prova de formação geral. O que isto quer dizer? Em resumo, que os futuros professores das escolas brasileiras estão menos preparados do que os profissionais de outras áreas em habilidades como compreensão de texto e resolução de problemas (FARIA, 2013, online).

O fato dos alunos dos cursos mais concorridos obterem melhores resultados no exame reforça a ideia da relação decisiva que se estabelece entre a atratividade de uma carreira e a qualificação desses profissionais. Os resultados apresentados pelo ENADE reforçam assim a ideia que é urgente garantir uma carreira docente mais atrativa, para que se possam ter bons professores e o primeiro passo é fornecer uma formação inicial que seja mais exigente e continuada, mais relacionada com as atividades e habilidades que os professores necessitam ter para o desenvolvimento da sua profissão (FARIA, 2013).

Saber em que consiste, no fundo, a sua profissão, todo o seu envolvimento e importância ajuda a entender melhor algumas das razões e motivações para a escolha da profissão e inclusivamente, qual é o conceito de profissionalidade. Esse é o tema do próximo subcapítulo.

2.1 CONCEITO DE PROFISSIONALIDADE

No campo dos princípios gerais, há que se estar de acordo com o que publicamente se diz sobre o assunto: os docentes devem desempenhar seu trabalho com autonomia, integridade e responsabilidade. Nesse plano, os lemas da profissionalização podem ser muito úteis com vistas a reestruturar a educação: é preciso que os docentes acrescentem suas habilidades de desenvolvimento e implantação do currículo; as sociedades modernas necessitam de práticas educativas que fomentem o pensamento crítico, a flexibilidade e um certo ceticismo diante dos modelos sociais, todas elas necessidades que se relacionam com o grau de autonomia e com as atribuições dos professores (POPKEWITZ, 1995, p. 106).

Contreras (2012) afirma que para fugir um pouco ao aspecto ideológico, relacionado com questões sociais e trabalhistas, alguns autores preferem evitar o termo

profissionalismo, optando então pela utilização do termo profissionalidade, tentando dessa forma dar um entorno mais positivo à ideia de profissional do ramo da docência.

Das definições dadas à profissionalidade, podem destacar-se algumas, como sejam as de Hoyle (1980, p. 44) que define profissionalidade como sendo “as atitudes em relação à prática profissional entre membros de uma ocupação e o grau de conhecimento e habilidades que carregam”. Enquanto que para Sacristán (1995, p. 2) a profissionalidade é vista como a “expressão da especificidade de atuação dos professores na prática, ou seja, o conjunto de atuações, habilidades, conhecimentos, atitudes e valores ligados a elas, que constituem a prática específica de ser professor”.

Pode ainda considerar-se a profissionalidade como o termo que se convencionou utilizar para designar a “forma de resgatar o que de positivo a ideia de profissional no contexto das funções inerentes ao trabalho docente” e que abrange três dimensões (CONTRERAS, 2012, p. 73):

- a) a obrigação moral, que tem como principal componente a preocupação com o bem estar dos alunos e também com a ética, veiculando ainda as relações de afetividade e motivação;
- b) o compromisso com a sociedade, intervindo nos seus problemas sociais e políticos e entendendo a escola como um local que procura fornecer a preparação para a vida futura, funcionando como um agente regulador da sociedade, em termos de liberdade, justiça e igualdade; e
- c) a competência profissional, que vai para além do domínio das técnicas e habilidades e que surge da interação entre o compromisso com a comunidade e a obrigação moral.

Tendo em conta estas definições, pode concluir-se que quando se fala em profissionalidade, o que se refere são as qualidades da prática profissional dos professores em função do que requer o trabalho educativo. Assim, falar de profissionalidade é descrever o desempenho do trabalho de ensinar e também fazer expressar os valores e pretensões que se pretendem atingir e desenvolver estando nessa profissão (CONTRERAS, 2012).

No desenvolvimento do processo histórico da profissão docente foram surgindo reivindicações de carácter sócio profissional, como o reconhecimento da especialização da ação educativa e da sua relevância social (NÓVOA, 1991).

O professor é considerado o principal agente da educação e por isso, valorizado e dessa forma, o professor profissional é evidenciado, ganhando espaço a defesa da valorização do seu estatuto sócio profissional (NÓVOA, 1995).

As profissões são diferenciadas entre si em função dos conhecimentos que lhes são característicos e específicos, bem como pela prática que deriva das exigências e demandas de um dado ofício. Pela especificidade de cada uma das profissões, os seus profissionais desenvolvem padrões de comportamento, destrezas e habilidades, adquirindo valores que vão se materializando em determinado tipo de atitudes homogêneas dentro do seu grupo. Ao longo deste processo, vão adquirindo e produzindo conhecimentos próprios da sua profissão.

Desta forma, poderia traduzir-se profissionalidade como a condição em potência para o exercício de determinada profissão, ou seja, uma fase anterior à ação. Adicionando o adjetivo “docente” a esta ideia, pode considerar-se que a profissionalidade do professor seria a expressão de potencialidade de atuação desses profissionais na sua área prática específica, ou seja, construindo o que seria o núcleo central do ser “professor” partindo de uma série de conhecimentos, atitudes e valores ligados a ela. (SACRISTÁN, 1995).

Ao olhar o trabalho docente de uma perspectiva relacionada com a profissionalidade, há que ver os professores como atores sociais, que vão construindo a sua atividade e a sua profissão. “São atores que dão sentido e significado aos seus atos e vivenciam a sua função como uma experiência pessoal, construindo conhecimentos e uma cultura própria da profissão” (TARDIF; LESSARD, 2005, p. 38).

Sacristán (1995, p. 64) descreve profissionalidade docente como a “afirmação do que é específico na ação docente, ou seja, o conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem o ser professor” e que profissionalidade é desenvolvida entre os contextos diversos, como sejam os sociais, os culturais e os institucionais que delimitam a prática educativa à maneira como os professores constroem a sua prática, dentro de todos esses contextos. Essas condutas profissionais vão variando em função das adaptações necessárias às condições que são apresentadas e também em relação à postura que se escolher ter em relação à mudança, crítica ou estratégica.

Dentro desta perspectiva de profissionalidade, a docência tem alguns contornos que ainda necessitam de alguns esclarecimentos. O trabalho dos professores tem sido objeto de vários estudos, abrangendo várias áreas como seja a sociologia do trabalho, a

sociologia interacionista, a psicologia social, que demonstram um foco: os critérios que definam a profissão, o processo de proletarização ou a desprofissionalização do magistério, um olhar mais investigativo da docência enquanto atividade complexa, que tem características próprias e que é exercida por pessoas que interagem em uma instituição escolar (CONTRERAS, 2012).

Esta utilização de novos vocábulos relacionados com esta atividade aparece com maior frequência a partir dos anos 90, como forma de expressar novas perspectivas de análise em relação à profissão docente. É quando aparece o termo profissionalidade relacionado com as pesquisas sobre professores, relacionado com a ideia de profissionalização.

Existe um esforço no sentido de melhor entender este conceito, que se encontra em desenvolvimento e que é produzido também em outras áreas da educação. A profissionalidade surge como uma derivação terminológica do vocábulo profissão. Existem outras derivações como profissionalização e profissionalismo e que são usadas frequentemente. Estes termos têm significados diferentes, em função do contexto, país e perspectiva teórica em que são usados (RAMALHO *et al.* 2004).

Ao analisar-se o processo de profissionalização da docência, há que ter dois aspectos em consideração: a dimensão interna, a profissionalidade, que corresponde ao processo através do qual o professor vai adquirindo os saberes próprios da atividade docente, construindo a sua competência profissional; e a dimensão externa, o profissionalismo, traduzido pela obtenção de um reconhecimento social da profissão e pela aquisição de um status profissional (RAMALHO *et al.* 2004).

É válido dizer-se que é dentro desta dialética entre profissionalidade e profissionalização, ou seja, no desenvolvimento da profissionalidade dos professores que envolve a aquisição de conhecimentos e habilidades que são fundamentais no exercício da sua profissão, articulado com a profissionalização, traduzida em uma conquista de espaço, reconhecido e valorizado socialmente.

A ideia que está por detrás das noções de profissionalidade e profissionalização traduz-se no fato que a docência é um processo de identificação e constituição profissional, que os professores vão desenvolvendo ao longo das suas carreiras nos diversos espaços em que socializam e que vão desde a escolarização básica, na formação profissional e na organização escolar, que são os locais onde os professores aprendem e exercem a sua profissão. Assim, a ideia de profissionalidade coloca os professores como atores da prática educativa, dando ênfase aos aspectos mais pessoais e

subjetivos do trabalho docente, bem como à importância que os contextos e situações de trabalho têm, no reconhecimento da escola enquanto espaço decisivo para a construção da profissionalidade docente (AMBROSETTI; ALMEIDA, 2009).

O que acontece atualmente é que o professor se depara com alguma discriminação e com a exclusão, de não ser considerado como capacitado para uma atuação efetiva dentro da sala de aula, mas ao mesmo tempo é-lhe destinada uma importante função que é a de ser um profissional que usufrui de uma autoridade reconhecida. Ao mencionar este tema, Nóvoa (1995) considera haver uma política contraditória onde se registra uma desvalorização sistemática do estatuto da profissão docente e ao mesmo tempo, da dignidade da imagem social que tem o professor.

A compreensão deste paradoxo obriga a um duplo raciocínio: por um lado o Estado vai exercendo um controle dos professores através do qual inviabiliza qualquer possibilidade de autonomia profissional; por outro, o investimento ideológico e de missão obriga a que o Estado tenha que criar condições de dignidade social para salvaguardar a imagem de prestígio dos professores, sobretudo junto da população (NÓVOA, 1995, p. 18).

Os professores, antes de começarem a trabalhar, passaram longos anos na escola e durante este processo de socialização foram construindo uma bagagem de conhecimentos que vão permanecendo no tempo e que atravessam os processos de formação inicial (TARDIF; RAYMOND, 2000). O ingresso na carreira e no espaço de socialização profissional é marcado pelas tensões, contradições e conflitos que resultam da assimilação de valores e regras específicas que regem as organizações escolares (SARMENTO, 1994).

De acordo com SACRISTÁN (1995), a profissionalidade dos professores deve ser desenvolvida dentro de um contexto de maior qualidade de ensino, compreendendo as práticas docentes nas suas mais diversas configurações.

Nesse sentido, a profissionalidade é construída de forma progressiva e continuada, sendo baseada no desenvolvimento de competências e de identidade profissional e que tem início na profissionalização, tendo continuidade ao longo da carreira, tornando-se um processo através do qual é permitido aos professores se “apropriarem das práticas, da cultura e dos valores da profissão” (TARDIF; FAUCHER, 2010, p. 35).

Estando o conceito de profissionalidade docente em constante evolução, ele

deve ser analisado em função do momento histórico em que as relações sociais se concretizam. O conhecimento da prática pedagógica e das suas eventuais alterações depende do entendimento que se têm das interações que são geradas em três contextos diferentes e que são (POPKEWITZ, 1995):

- 1) contexto pedagógico, que é constituído pelas práticas cotidianas resultantes da prática de ensinar, sejam elas as rotinas de classe e os procedimentos que regem as aulas. Este contexto é definido pelas funções que dizem respeito aos professores no exercício da sua atividade docente propriamente dita;
- 2) contexto profissional dos professores, onde se elaboram modelos comportamentais da profissão, como sejam as ideologias, conhecimentos, rotinas e crenças e que produzem um saber técnico relacionado com as suas práticas;
- 3) contexto sociocultural que proporciona conteúdos e valores que são considerados importantes e fundamentais.

Pode então conceber-se que a profissionalidade é um conceito que sintetiza o processo construtivo do ser e estar na profissão e que envolve os significados que imbricam a representação do vínculo entre o indivíduo e a sua atividade profissional. Essa representação contém elementos significantes do aspecto social da profissão, da própria percepção profissional e ainda dos motivos que levam o indivíduo a investir numa determinada trajetória de evolução profissional.

Levando em consideração que as participantes do estudo são pedagogas iniciantes, que trabalham na educação infantil, é interessante entender qual a perspectiva em relação ao entendimento do que é a profissionalidade neste setor da educação.

No caso da educação infantil, a consciência atual é a de que é necessário um profissional disponível e apto a assumir este compromisso. A educação infantil necessita de ser enquadrada em um determinado contexto, estabelecido para elas e com profissionais capacitados a informar, formar, estimular e a interagir com as crianças, cuidando.

A definição de uma profissionalidade para os educadores infantis deverá considerar o fundamental da natureza da criança que é a

ludicidade, entendida na sua perspectiva de liberdade, prazer e do brincar enquanto condição básica para promover o desenvolvimento infantil, promovendo uma articulação possível entre educar e cuidar (ANGOTTI, 2008, p. 19).

Nos anos 70, a qualidade da educação infantil era discutida, sobretudo devido à cada vez maior procura, pelo que a prioridade eram a construção de espaços e a formação de educadores teve pouco investimento, ficando para segundo plano. As escolas de educação infantil não tinham legislação própria e eram locais onde as mães deixavam as crianças enquanto trabalhavam. Só a partir da Constituição de 1988, ao estabelecer-se o estatuto da criança enquanto cidadã de pleno direito e com a mudança de educação infantil de um estatuto de assistência inserindo-a no sistema educacional é que começa a dar-se maior importância à formação consciente e consistente dos profissionais para esta área de ensino. Passou assim a exigir-se dos profissionais uma formação adequada.

Na variedade de fatores que são característicos da profissionalidade docente na Educação Infantil, devem considerar-se os contextos da função profissional e a existência de diferentes modelos de educação de infância e a relação de proximidade que o professor necessita de estabelecer com as crianças.

É necessário entender o desenvolvimento profissional do professor de educação infantil como um percurso que compreende fases, ciclos, que não é feito de uma linha contínua, ocorrendo antes em diferentes contextos sistêmicos (FREITAS, 2012).

A constituição profissional docente, mais concretamente aquela que ocorre nos primeiros anos de carreira é proveniente de uma grande variedade e complexidade de interações e que faz com que ocorram passagens complexas que envolvem sentimentos ambíguos, desafios e aprendizagens sobre si próprio e sobre o que é ser professor (ROCHA; FIORENTINI, 2005).

Neste caso, a experiência que se vai adquirindo, vai funcionando como um filtro através do qual, os professores vão aplicando e utilizando os seus saberes de uma forma mais adequada no ensino infantil.

Essa fase é um fazer docente, pensando na criança como um ser em desenvolvimento e que necessita de cuidados específicos e que no caso de não haver uma formação integral do professor de educação infantil que vá um pouco mais além da técnica, este vai agir de forma idêntica aos outros atores sociais, pelo que é necessário

que o professor esteja preparado profissionalmente para compreender o processo educativo infantil, seguindo a linha do que vem referenciado no Referencial Curricular (BRASIL, 1998), onde educar significa o favorecimento de situações de aprendizagem mais orientadas que possam contribuir para o desenvolvimento integral da criança.

3. EDUCAR E EDUCAÇÃO

Embora seja intenção esclarecer o que é a pedagogia e tentar compreender porque muitos jovens escolhem essa profissão, é também necessário entender qual é a identidade da pedagogia e para isso, é pertinente estabelecer primeiramente o que é educar.

Educar requer um trabalho contínuo, integrado, profundo de conscientização, organização, concretização de intencionalidades. É a articulação dialética entre a intencionalidade e a reflexão crítica que pode construir uma direção de sentido. Apenas a construção de sentido, de uma forma coletiva e dialética nos coloca no caminho da humanização (FRANCO, 2002).

Educar significa propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural (BRASIL, 1998, p. 23).

Educar é proporcionar a possibilidade de se reinventar dentro da sociedade, o processo de redescobrir o seu interior e dessa forma interferir no mundo, produzir conhecimentos que ainda não existem e ter a capacidade de criticar os que já existem (FREIRE, 2008).

Pode considerar-se o ato de educar como humanizar, favorecer a cooperação, promover a solidariedade e o ser único que existe em cada um. Educar torna-se um desafio no qual as relações humanas são o denominador comum, em um processo de troca, entre quem educa e quem recebe (VIANA, 2009).

A educação compreende o conjunto de processos, influências, estruturas, ações, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e em grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, dentro de um determinado contexto de relações entre classes sociais e grupos, objetivando à formação do ser humano (LIBÂNEO 2005, p. 30).

Educar é um processo de comunicação e de interação, a partir do qual as pessoas assimilam saberes, habilidades, atitudes, valores, em sociedade, em um meio culturalmente organizado. Faz parte do ato educativo o desenvolvimento dos indivíduos,

dentro de uma dinâmica sociocultural e dessa forma, pode entender-se a pedagogia também como uma prática cultural, já que é o caráter pedagógico que faz a introdução do elemento diferencial nesses processos educativos, que vão se manifestando em situações concretas socialmente e historicamente (LIBÂNEO, 2002).

Esse processo não é limitado apenas à preparação dos indivíduos para executarem tarefas profissionais, nem é restringido ao desenvolvimento de particularidades da personalidade, sendo um processo de reconhecimento individual e que acontece de forma continuada.

Dentro do conceito de educação, pode ainda dividir-se a mesma em educação não formal, educação formal e educação informal:

Por educação formal, pode entender-se como o tipo de educação organizada com uma determinada sequência e proporcionada pelas escolas enquanto que a designação de educação informal abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. Por último, a educação não-formal, embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém, das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade), diverge ainda da educação formal no que diz respeito à não fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto (AFONSO, 1989, *apud* VON SIMSON, 2001, p. 9).

A educação pode ser considerada um processo triplo, que contempla a humanização, socialização e entrada numa cultura. Pode educar-se um ser humano, um membro de uma sociedade e de uma cultura, um sujeito individual. Embora se possa prestar mais atenção a um do que a outro, não se deixa de educar os três (CHARLOT, 2006).

A educação é, então, o instrumento da humanização da convivência social, no meio da qual e através das suas influências educacionais, os sujeitos participam, interagem, intervêm no seu próprio contexto cultural (FRANCO, 2012).

Paulo Freire vê na educação uma forma de transformar a sociedade, para que ela se torne mais justa e solidária. Revolucionando o pensamento pedagógico, o autor propõe algumas perspectivas para mudar a educação elitista, lançando as bases de uma pedagogia revolucionária, em que aposta na educação como forma de transformação e libertação (FREIRE, 2003).

A educação libertadora é incompatível com uma pedagogia que, de

maneira consciente ou mistificada, tem sido prática de dominação. A prática da liberdade só encontrará expressão adequada numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica (FREIRE, 2003, p. 9).

Há a necessidade de compreender que a educação não é algo que acontece apenas no universo da escola, para que então se possa compreender o papel do pedagogo.

3.1 PEDAGOGIA – CONCEITOS E DEFINIÇÕES

A consideração de que a Pedagogia é um curso para ensinar crianças resulta do raciocínio que terá dado origem a esta forma de pensar é a etimologia da própria palavra, em que “*peda*”, do termo pedagogia deriva da palavra grega *paidós*, que significa criança. (LIBÂNEO, 2002). Apesar de ser uma maneira simplista de pensar, a docência seria uma modalidade da atividade pedagógica, mas não o inverso. Ou seja, um professor é um pedagogo, mas nem todo o pedagogo precisa ser um professor.

Haverá talvez a necessidade de diferenciar o trabalho pedagógico do trabalho docente, já que uma vez que a pedagogia e o ensino dizem respeito às crianças, por consequência o pedagogo é o que ensina as crianças.

Aparentemente, existe uma ideia formada, inclusive pelos próprios pedagogos que a pedagogia é o modo de ensinar, que aquele que ensina bem tem pedagogia. Que uma pessoa se utiliza da pedagogia para melhor ensinar a matéria, a utilizar as técnicas de entorno. Isto tornaria o pedagógico em metodológico.

Esta ideia seria correta, se essa função fosse atribuída a professores de matérias, mas que não possuem um vínculo direto com a educação, mas já não seria apropriado se fosse atribuído a professores que estivessem ligados ao campo da educação (LIBÂNEO, 2002).

Desta forma existe, ainda, uma ausência de entendimento teórico, conceitual de pedagogia. Tanto assim é que, para além das ideias, definições, conceitos já enunciados anteriormente em relação ao que define a Pedagogia, acresce ainda a definição de Tardif (2011, p. 117):

A pedagogia é o conjunto de meios empregados pelo professor para atingir seus objetivos no âmbito das interações educativas com os

alunos. Noutras palavras, do ponto de vista da análise do trabalho, a pedagogia é a “tecnologia” utilizada pelos professores em relação ao seu objeto de trabalho (os alunos), no processo de trabalho cotidiano, para obter um resultado (a socialização e a instrução).

A pedagogia aporta questões sociais importantes, ilustrando as tensões e problemas da nossa época e que se encontram relacionados com a escolarização de massa e também à profissionalização do magistério (TARDIF, 2011).

Ela corresponde à dimensão estrutural do ensino, a pedagogia é uma prática concreta, situada em um ambiente de trabalho, coordenando diferentes meios para produzir resultados educativos, ou seja, socializar e instruir os alunos, dentro de um determinado contexto, para conseguir atingir objetivos definidos (TARDIF, 2011).

Anísio Teixeira preconizava a educação como tendo os seguintes pressupostos (FRANCO, 2012, p. 63):

- a) A criança se educa com a vida, por meio da experiência;
- b) Não há educação sem teoria da educação; nem educação sem diagnóstico das situações nas quais intervir;
- c) A intervenção pedagógica deve levar em conta as diferenças regionais, culturais, sociais;
- d) A escola deve adequar-se às transformações da sociedade.

De acordo com Franco (2012), o pedagogo tem como prioridade a discussão, reflexão e organização de condições que permitam que o ensino seja feito de maneira adequada, onde os alunos aprendam, procurem o conhecimento e onde os professores possam sentir-se realizados no exercício da sua função.

As práticas, os conhecimentos e ideias que são usados para compreender ou instituir a forma como uma sociedade é educada, é geralmente atribuída à Pedagogia. Esta se desenvolve de uma forma bem próxima, com a prática educativa, tornando-se uma teoria ou ciência dessa prática e é muitas vezes confundida com o próprio ato de educar (SAVIANI, 2010).

Enquanto ciência, a Pedagogia estabelece, antes de tudo, uma prática social de organização da educação, organização essa que é realizada dentro de um determinado espaço e tempo e onde é feita uma reflexão sobre quais os seus objetivos e meios mais adequados para atingi-los, buscando a compreensão e transformação das práticas

educativas (FRANCO, 2012).

Em alguns países europeus a pedagogia é considerada como ciência, enquanto que em outros ela é encarada como fazendo parte das ciências da educação ou como tendo a didática no seu conteúdo (LIBÂNEO, 2002).

Pedagogia é, antes de tudo, um campo científico, não um curso. O curso que lhe corresponde é o que forma o investigador da educação e o profissional que realiza tarefas educativas seja ele docente ou não diretamente docente. Somente faz sentido um curso de Pedagogia pelo fato de existir um campo investigativo, o da pedagogia, cuja natureza constitutiva é a teoria e a prática da educação ou a teoria e prática da formação humana (LIBÂNEO, 2002, p.60).

Existe uma necessidade de se conhecer o contexto onde o indivíduo está inserido porque “na análise do processo de formação profissional há que considerar que ele ocorre num contexto de uma determinada forma de organização do trabalho pedagógico que, antes de ter uma origem em si mesma, preserva nexos muito fortes com a organização social mais ampla” (VEIGA, 1997, p. 38).

Pimenta (2002) advoga que a Pedagogia necessita firmar a sua especificidade epistemológica para ser considerada como algo mais do que um campo aplicado de outras ciências que também tem a educação como objeto de estudo.

Embora exista quem considere que a Pedagogia é um conjunto de enunciados baseados em outras ciências ou em uma filosofia, a pedagogia tem um significado epistemológico em que se assume como uma ciência da prática social da educação.

Diferentemente das demais ciências da educação, a pedagogia é a ciência da prática. [...] Não se constrói como discurso sobre educação, mas a partir da prática dos educadores tomada como referência para a construção de saberes, no confronto com os saberes teóricos. [...] O objeto/problema da Pedagogia é a educação enquanto prática social. Daí o seu caráter específico que a diferencia das demais ciências da educação, que é o de uma ciência prática, parte da prática e a ela se dirige (PIMENTA, 2002, p. 35).

A Pedagogia é tomada de diversas formas, enquanto condição reflexiva da prática educativa. Ora é considerada como tecnologia, ora como ciência, ora como filosofia aplicada.

Enquanto tecnologia, é muitas vezes confundida com a Didática Geral e com a Psicopedagogia; como ciência é colocada como uma das Ciências Sociais e quando

mostrada como Filosofia Aplicada, parte-se do princípio que determinada filosofia se torna educativa (MAZZOTTI, 1992).

A pedagogia – ciência tradicional da educação – sofre toda uma evolução conducente à afirmação das ciências da educação. Transita-se assim, em primeira análise, de uma via unidisciplinar a uma outra multi ou pluridisciplinar que se exprime através de uma mutação terminológica, a qual passa, numa fase intermediária, pelas “ciências pedagógicas”. A passagem do singular ao plural é acompanhada, finalmente, pelo abandono do vocábulo “pedagogia” por outro, pela introdução do termo “educação”. Esta mutação não é meramente formal e prende-se com transformações que ocorrem tanto a um nível externo como a um nível interno: aquelas têm a ver com o progressivo reconhecimento e com a expansão das ciências sociais e humanas (CARVALHO, 1988, p. 185).

A natureza do objeto da Pedagogia, a educação enquanto prática social, é o que determina o caráter de utopia entendida como intencionalidade na investigação, configurando assim a Ciência da Educação ou Pedagogia, como uma ciência da prática e por isso, diferente das outras Ciências Humanas, que *a priori*, não colocam na investigação, a aplicação imediata do conhecimento (PIMENTA, 2011).

Deve considerar-se, quando se pensa qual a posição da Pedagogia dentro do âmbito das ciências da educação, que ela não se dilui nas mesmas, mas antes se afirma como uma ciência prática da educação, já que uma das suas preocupações é a ação de educar, o ato educativo, fato que não ocorre com as outras ciências da educação (CABANAS, 1983).

Entende-se que a Pedagogia é uma ciência da prática, porque o desenvolvimento das ciências, o seu processo evolutivo pode ser avaliado como um percurso através do qual o sujeito se afasta da sua centralidade. Ou como afirma Mazzotti (1992), a Pedagogia é uma ciência da prática que não se efetiva como uma tecnologia e sim como uma reflexão sistemática sobre o que é a educação.

Na formação, os alunos reivindicam um curso mais prático e os professores insistindo na importância da teoria.

A relação entre teoria e prática são aspectos distintos e fundamentais da experiência humana, esses aspectos são inseparáveis. Assim, a prática é a razão de ser da teoria. A teoria depende radicalmente da prática. Cabe a ela esclarecer a prática, tornando-a coerente, consistente, conseqüente e eficaz. Aprofundando-se mais a questão para refletir a epistemologia da pedagogia que historicamente tem se apresentado em três configurações: como ciência da educação; quer

como ciência da organização da instrução educativa; ou então a ciência da transformação da realidade educativa (SAVIANI, 2010, p. 13).

Existe a necessidade de pensar em uma educação que seja capaz de transformar e na qual os estudantes de Pedagogia, ao serem formados, possam garantir a educação num contexto de plena inclusão dos segmentos da população que são excluídos historicamente dos direitos sociais, culturais, econômicos e políticos (GRACIANI, 2006).

Os cursos de formação de professores são mais focalizados no próprio curso do que nas bases teóricas da formação de um pedagogo. Daqui resulta uma base comum que acabou por gerar um curso que dá maior ênfase à formação docente, mas com pouco peso no aprofundamento da questão teórica (LIBÂNEO, 2002).

Franco (2001) considera em seus questionamentos entre a teoria educacional e a prática docente, que tais configurações são refletidoras, organizadoras e transformadoras da prática dos docentes. Sua ação em qualquer das três configurações, embora muito associada a prática docente é diferente desta mas transcende-a quando se permite afirmar que a função pedagógica esteve historicamente associada a organização das ações que preparam, organizam, configuram a prática docente. E que tem no estudo da práxis educativa a sua identidade.

A pedagogia não é, certamente, a única área científica que tem a educação como objeto de estudo. Também a sociologia, a psicologia, a economia e a linguística podem se ocupar de problemas educativos para além de seus próprios objetos de investigação e, nesta medida, os resultados de seus estudos são imprescindíveis para a compreensão do educativo. Entretanto, cada uma destas ciências aborda o fenômeno educativo sob a perspectiva de seus próprios conceitos e métodos de investigação. É a pedagogia que pode postular o educativo propriamente dito e ser a ciência integradora dos aportes das demais áreas (LIBÂNEO, 2002, p. 153-176).

Em virtude de uma maior abrangência do conceito de pedagogia e da sua prática, reconhece-se nessa prática uma variedade educativa que se relaciona com o mundo dos saberes e dos modos de agir e que não são restritos apenas ao universo escolar. Deste modo, a formação dos educadores é extrapolada e abrange também a educação não-formal e formal. Como tal, a formação profissional do pedagogo desdobra-se em muitas especializações profissionais, das quais a docência é uma delas (LIBÂNEO, 2006).

Neste sentido podemos perceber que temos perdido o sentido da pedagogia e do educar. A articulação dialética entre intencionalidade/reflexão crítica pode construir a direção do sentido. Só a construção do sentido, de forma coletiva e dialética, nos coloca a caminho da humanização, da educação e poderá referendar as perspectivas a pedagogia.

A pedagogia não pode mais se contentar em ser a instância do dar aula, de produzir ensino. É preciso que ela seja a voz organizadora de uma sociedade que perdeu as referências e a dimensão de seu papel de formadora de homens (FRANCO, 2001).

O aluno deve ser visto pelo professor como a síntese das relações sociais. Portanto, os interesses e necessidades do aluno são determinados pela sociedade. Daí a importância de um professor bem formado, com boas condições de trabalho, que possa interpretar essa síntese concretiza nos alunos e interagir com ela. [...] O professor deve ter conhecimento do tipo de sociedade em que vive, de modo que compreenda o papel da escola aí. Deve ainda ter conhecimento daquilo que vai trabalhar, dominar os recursos didáticos e sentir-se envolvido e empenhado no trabalho que exerce (SAVIANI, 2010, p. 231).

A questão da pedagogia e a problemática da formação de professores são reflexões que deveriam estar no centro de todas as discussões em relação a educação, para que não se perpetue a incoerência entre discurso, legislação e prática.

O Curso de Pedagogia no Brasil definiu como seu objeto de estudo os processos educativos nas escolas e em outros ambientes, a educação das crianças em seus primeiros anos na escola e também uma vertente mais gerencial, de gestão educacional. No Decreto-Lei 1.190/1939 (BRASIL, 1939), é atribuído a este curso a definição de “estudo da forma de ensinar” e os seus profissionais catalogados como técnicos em educação. Nessa época, eram os professores mais experientes que se dedicavam a assumir funções mais administrativas, com o planejamento curricular, efetuavam a orientação dos professores mais jovens, inspecionavam o funcionamento das escolas, etc. (BRITO, 2013). O curso viria mais tarde, já em 1939, a ser padronizado e passa a conceder o título de bacharel, ao final de 3 anos e era baseado em conteúdos específicos da área educacional. A vertente licenciatura permitia atuar como professor aqueles que frequentassem mais um ano e o curso era complementado com as matérias de Didática e Prática do Ensino.

Após a Lei da Reforma Universitária, em 1968, o curso de Pedagogia incluía as seguintes habilitações: Supervisão, Orientação, Administração e Inspeção Educacional.

Após essa data, o curso de Pedagogia passa a ter a finalidade de preparar profissionais da educação. Desde então, o curso de Pedagogia vai “amalgando experiências de formação inicial e continuada de docentes, para trabalhar tanto com crianças quanto com jovens e adultos” (BRITO; 2013, p. 2).

A Pedagogia permite uma reflexão teórica partindo das práticas educativas e também acerca delas, faz uma investigação dos objetivos sociopolíticos, metodológicos, viabilizando processos formativos.

A pedagogia é uma ciência que tem por fim específico o estudo e a compreensão da práxis educativa, com vistas à organização de meios e processos educativos de uma sociedade, mas não se reduz a ela, são muitos os desafios numa realidade sempre em mutação, que ao mesmo tempo em que se globaliza, amplia também e exclusão social. A luta contra a exclusão social e por uma sociedade justa passa pela escola e passa pelo trabalho dos professores.

A Pedagogia poderá ainda desempenhar um papel importante na reconstrução do processo civilizatório, usando a pedagogia do sujeito “que o ensine para a liberdade e para a autonomia, preocupada com os valores que possibilitam a vivência em comum, entre os quais a solidariedade e a diversidade” (FRANCO, 2012, p. 70).

Enquanto ciência, a pedagogia funciona como um dispositivo da sociedade contribuindo para a reflexão cotidiana acerca da vida entre os homens, que valoriza os processos de emancipação humana e denuncia aqueles que oprimam e degradem as possibilidades do ser humano (FRANCO, 2012).

Para Libâneo (2002, p.68), a pedagogia:

- a) é a teoria e a prática da educação. Mediante conhecimentos científicos, filosóficos e técnico-profissionais, investiga a realidade educacional sempre em transformação, para explicitar objetivos e processos de intervenção metodológica e organizativa referentes à transmissão-assimilação de saberes e modos de ação. Busca o entendimento, global e internacionalmente dirigido, dos problemas educativos, recorrendo a aportes teóricos que são providos pelas outras ciências da educação;
- b) o pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, seja direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação humana previamente definidos em sua

contextualização histórica.

Para isso são necessários pedagogos com competência para coordenar e fazer funcionar o projeto pedagógico, um pedagogo escolar que saiba fazer esta produção da teoria e da prática através da própria ação pedagógica (LIBÂNEO, 2002).

3.2 DOCÊNCIA E TRABALHO DOCENTE

Cabe neste capítulo definir e situar o que é a docência e como ela se separa, mas também se mistura com a definição do que é a Pedagogia.

O conceito de docência que é apresentado na Resolução CNE/CP n. 1/06 é o que configura a base da formação do profissional. Na definição da finalidade do curso de Pedagogia, é determinado que este

[...] aplica-se à formação inicial para o exercício da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, e em cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos (BRASIL, 2006).

Como se pode inferir do descrito acima, o curso está vocacionado para a formação de professores. Contudo não está restringido à docência das atividades em aula, uma vez que o professor está preparado para o desenvolvimento de outras tarefas de componente educativa, tal como vem expresso na mesma Resolução e onde se pode ler que

As atividades docentes também compreendem participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino, englobando:

I – planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de tarefas próprias do setor da Educação;

II – planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não escolares;

III – produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional em contextos escolares e não escolares (BRASIL, 2006)

Existem, no entanto, outros conceitos de docência, que são defendidos por

outros autores como se pode verificar em seguida. Para uns, a docência pode ser olhada como o eixo que norteia a formação do professor, sendo que aqui o professor é entendido como aquele que produz conhecimento.

Quando se fala de uma identidade da categoria docente, dos traços e dos aspectos que caracterizam esse grupo tão heterogêneo, pode pensar-se de imediato nesta característica: todos se dedicam ao ensino. Essa é a uma característica comum. Mas mesmo levando em consideração esse aspecto aparentemente geral, quando se pensa nos seus processos efetivos de significação, dele só emergem diferenças (GARCIA; HYPÓLITO; VIEIRA, 2005, p. 47).

A docência é definida como “o exercício do magistério”. O docente é o professor em exercício, ou seja, aquele que desenvolver, efetivamente, uma atividade. Ser professor é uma profissão, mas é no exercício efetivo da sua profissão que o professor recebe a designação de docente, como aquele que está desenvolvendo um processo de ensinar (RIOS, 2010).

O próprio termo docência, dentro do seu conceito, é restrito. Para Libâneo (2006) a imprecisão conceitual do estudo da pedagogia leva a um entendimento genérico de atividades docentes, já que toda e qualquer atividade profissional no campo da educação é enquadrada como atividade docente, quer essa atividade seja a coordenação de trabalhos, a pesquisa e sua difusão, quer seja o local da sua realização, na escola ou fora dela. Ao simplificar o campo científico da pedagogia e do pedagogo, essa atividade docente quando não tem ligação direta com atividades relacionadas com a docência, passa a ser entendida apenas como uma participação na organização e gestão de sistema e instituições de ensino.

O trabalho docente não é definido mais apenas como atividade em sala de aula, ele agora compreende a gestão da escola no que se refere à dedicação dos professores ao planejamento, à elaboração de projetos, à discussão coletiva do currículo e da avaliação. O trabalho docente amplia o seu âmbito de compreensão e, conseqüentemente, as análises a seu respeito tendem a se complexificar (OLIVEIRA, 2004, p. 132).

A docência é ampliada, associando-se à ideia de trabalho pedagógico, desenvolvido em espaços escolares e não escolares. Ou seja, implica uma articulação com uma maior abrangência, com os processos pedagógicos e os espaços educativos em que se desenrolam (AGUIAR *et al.* 2006).

Entende-se que a formação do licenciado em pedagogia fundamenta-se no trabalho pedagógico realizado em espaços escolares e não-escolares, que tem a docência como base. Nesta perspectiva, a docência é compreendida como ação educativa e processo pedagógico metódico e intencional, construído em relações sociais, étnico-raciais e produtivas, as quais influenciam conceitos, princípios e objetivos da pedagogia. Dessa forma, a docência, tanto em processos educativos escolares como não-escolares, não se confunde com a utilização de métodos e técnicas pretensamente pedagógicos, descolados de realidades históricas específicas (AGUIAR et al., 2006, p. 10).

A atividade docente é sempre práxis, já que esta ação envolve necessariamente (PIMENTA, 2002):

- ✓ o estabelecimento de uma intencionalidade que dirige e dá sentido a ação;
- ✓ o conhecimento do objeto que se quer transformar, na direção da sua intencionalidade, que já é determinada em função deste conhecimento;
- ✓ intervenção planejada e científica sobre o objeto com vistas a transformação da realidade social;

Para que a práxis docente seja competente, não basta, então, o domínio de alguns conhecimentos e o recurso a algumas “técnicas” para socializa-los. É preciso que a técnica seja fertilizada pela determinação autônoma e consciente dos objetivos e finalidades, pelo compromisso com as necessidades concretas do coletivo e pela presença da sensibilidade, da criatividade (RIOS, 2010, p.96).

Sendo uma atividade profissional que se dá num espaço historicamente construído, como é a escola, a docência é constituída por normas e formas organizativas que se inserem num contexto sociopolítico bem amplo, que se apresenta na vida escolar. É aqui que os professores vão se apropriando das formas de estar e atuar na profissão, enquanto vão modificando e reconstruindo o espaço escolar durante a sua atividade cotidiana. Contudo, não é quando ingressam na profissão que os professores tomam contato com a docência. Esse contato é feito no espaço escolar e decorre das informações dadas por concepções e representações da mesma e que são construídas ainda antes de entrar na profissão, através da sua própria trajetória pessoal e escolar.

As ações dos professores e as suas posturas constituem um processo social e intersubjetivo, são desenvolvidos ao longo da vida tanto nas relações grupais e

comunitárias, que são delimitadas pelas condições no contexto tanto cultural, quanto sócio-político e é nestas interações que “se gestam as concepções de educação, de modos de ser, que se constituem em representações e valores que filtram os conhecimentos que lhes chegam” (GATTI, 2003, p. 192).

Pimenta e Libâneo (2002) entendem que a tese que defende que a formação de todo o educador deve ter por base a docência, deve ser vista dentro do seu próprio contexto e posicionamento, em momentos históricos específicos. Os autores defendem que o trabalho pedagógico não pode ser reduzido apenas e só à docência e não deve ser imutável. As novas realidades exigem que se olhe para esta questão de uma forma mais ampla, seja das práticas educativas, seja da pedagogia.

Para Saviani (2010, p. 81):

O principal é viabilizar o acesso à cultura letrada. O saber espontâneo não depende da escola. Não precisamos dela para aprender a falar, andar e brincar. Mas é necessária toda uma estrutura para aprender a ler e a escrever, já que a escrita não é uma linguagem espontânea. Ela é codificada e precisa de processos formais de aquisição. A escola foi criada com esse papel e até hoje, apesar das críticas, não se descobriu mecanismo melhor. Os gestores precisam ter consciência de que a aquisição desse conhecimento demanda tempo e uma ação pedagógica contínua e planejada

O educador de hoje entende que as práticas educativas não ocorrem apenas no espaço físico escolar, ela acontece nas famílias, nos locais de emprego, através dos meios de comunicação, na rua. Desta forma, dizer que o trabalho pedagógico se restringe à escola é redutor, uma vez que a pedagogia é mais ampla que a docência (PIMENTA; LIBÂNEO, 2002).

A formação do licenciado em pedagogia é baseada no trabalho pedagógico que se realiza em espaços escolares e não-escolares, tendo por base a docência. Desta forma, pode compreender-se a docência como uma ação educativa e um processo pedagógico intencional e metódico, que é construído em relações sociais, étnico-raciais e produtivas, as quais influenciam os princípios, objetivos e conceitos da pedagogia. Logo, a docência, seja nos processos educativos escolares como não-escolares, não se confunde com a utilização de métodos e técnicas pretensamente pedagógicas, descoladas de realidades históricas específicas (AGUIAR *et al.* 2006).

Torna-se necessário pensar em uma educação que transforme, onde os estudantes de Pedagogia se formem para garantir a educação de todos os segmentos,

sejam eles sociais, culturais, econômicos ou políticos (GRACIANI, 2006).

Precisamos ter respostas claras a respeito de perguntas básicas como: o curso de pedagogia deve formar professor? Ou pedagogos? Ou qual profissional está pensando, investigando, propondo, refletindo sobre a formação? Qual o profissional que irá investigar metodologias de formação?

A importância de melhorar a prática profissional graças a pesquisa não pode ser reduzida somente a dimensão técnica; ela engloba também objetivos mais amplos de compreensão, de mudança e até de emancipação. Exigir que as ciências da educação se limitem ao estudo das atividades profissionais apenas com o intuito de aumentar sua eficácia é exigir sua morte e privar-se dos recursos conceituais que podem oferecer aos práticos no que se refere as implicações sociopolíticas inerentes a educação escolar (TARDIF, 2011, p. 293).

Embora sejam trabalhos próximos, a função de pedagogo e professor deve estar articulada, contudo uma não se submete à outra. Na verdade, todo o professor deveria ser um pedagogo, no sentido mais lato do termo, pautando-se pelos conhecimentos pedagógicos que organizam a sua prática (FRANCO, 2012).

Todas as pessoas que lidam com algum tipo de prática educativa relacionada com o mundo dos saberes e modos de ação são pedagogos. Explicitando: são pedagogos, em sentido amplo, todos os que exercem atividades de magistério em qualquer lugar e, também, os que trabalham em meios de comunicação, formadores de pessoal nas empresas, animadores culturais e desportivos, produtores culturais, etc. São pedagogos, em sentido estrito, os professores e os pedagogos-especialistas (LIBÂNEO, 2002, p.61).

3.2.1 O professor

Especificamente humana, a educação é gnosiológica, é diretiva, por isso política, é artística e moral, serve-se de meios, de técnicas, envolve frustrações, medos, desejos. Exige de mim, como professor, uma competência geral, um saber de sua natureza e saberes especiais, ligados à minha atividade docente (FREIRE, 2006, p. 70).

Um professor é, antes de mais, alguém que sabe alguma coisa e cuja função consiste em transmitir esse saber a outros. Ocupam uma posição estratégica ainda que socialmente desvalorizada. Incorporam-se à prática docente, sem serem, contudo produzidos ou legitimados por ela.

Os professores mantêm com os saberes uma relação de transmissão e são

portadores ou objetos de saber, mas não são produtores desses saberes que, de outra forma, lhes daria a legitimidade social da sua função e um espaço verdadeiro da sua prática. Devido a esse fato, os professores poderiam ser comparados a técnicos e executores destinados à tarefa de transmissão de saberes. O seu saber é específico e está relacionado com os procedimentos pedagógicos de transmissão dos saberes escolares (TARDIF, 2011).

Pode dizer-se que a formação de professores é um dos temas mais discutidos no meio acadêmico e profissional e a discussão à volta deste tema não é recente, sendo um dos que maior controvérsia cria no campo do conhecimento educacional.

A formação de professores caminhou, desde sempre e de acordo com Imbernón (2009) por dois percursos distintos: aquele que envolve uma preparação meramente técnica, onde a atividade docente é apresentada de forma uniforme, seguindo modelos definidos, de cursos já padronizados e instituídos e cujo formato se vem mantendo até os dias atuais; o outro caminho é aquele que resulta da preocupação em elaborar estudos relacionados com a formação de professores, uma mudança de atitude por parte destes, que apresentam uma maior preocupação e consciência no seu comprometimento com a profissão.

Os lugares onde os professores atuam são bem diversificados, reflexo de um saber profissional plural. O quadro seguinte enuncia esse saberes, relacionando-os com os locais onde os professores atuam, as organizações que fazem a sua formação ou onde eles exercem a sua profissão, a sua experiência de trabalho, etc. São também evidenciadas quais as fontes de aquisição do saber dos professores e como o seu processo de integração no trabalho docente é efetuado.

Quadro 1 – Saberes dos Professores

Saberes dos Professores	Fontes sociais de aquisição	Modos de integração no trabalho docente
Saberes pessoais dos professores.	A família, o ambiente de vida, a educação no sentido lato, etc.	Pela história de vida e pela socialização primária.
Saberes provenientes da formação escolar anterior.	A escola primária e secundária, os estudos pós-secundários não especializados, etc.	Pela formação e pela socialização pré-profissionais.
Saberes provenientes da formação profissional para o magistério.	Os estabelecimentos de formação, os estágios, os cursos de reciclagem, etc.	Pela formação e pela socialização profissionais nas instituições de formação de professores.

Saberes provenientes dos programas e dos livros didáticos usados no trabalho.	A utilização das “ferramentas” dos professores: programas, livros didáticos, cadernos de exercícios, fichas, etc.	Pela utilização das “ferramentas” de trabalho, sua adaptação às tarefas.
Saberes provenientes de sua própria experiência na profissão, na sala de aula e na escola.	A prática do ofício na escola e na sala de aula, a experiência dos pares, etc.	Pela prática do trabalho e pela socialização profissional.

Fonte: TARDIF (2011, p. 63)

Elaboração: Autora

O quadro identifica os saberes que são realmente utilizados pelos professores no contexto da sua profissão e nas salas de aula.

A diferenciação que é feita entre o professor e o pedagogo é muitas vezes confundida, como se pode verificar pela noção que os professores iniciantes entrevistados também têm.

A dicotomia professor/pedagogo aparece na questão 6 efetuada no questionário e que está no disponível em anexo, quando se pergunta se todo professor é um pedagogo na sala de aula. As respostas são majoritariamente no sentido positivo e justificadas como segue:

Quadro 2 – Pergunta 6- Resumo

<i>Sim, ambos possuem o mesmo significado (professor/pedagogo).</i>
<i>Sim, o que diferencia é apenas a nomenclatura, a função é a mesma.</i>
<i>Sim, pois temos funções de transmitir conhecimento.</i>
<i>Sim, o professor é mais que um pedagogo. É um psicólogo, médico, terapeuta, nutricionista, educador, enfim, de tudo um pouco. A sua função exige que o pedagogo utilize todo o seu tempo para lidar com o cotidiano da sala de aula.</i>
<i>Sim, quando ele vive e dedica-se à turma, transmitindo mais do que conteúdo e sim valores para a formação do indivíduo.</i>

Contudo, dentro da mesma questão, existem algumas respostas que expressam a ideia de que ser pedagogo vai além do ser professor, como por exemplo:

Quadro 3 – Pergunta 6- Resumo

<i>Vai depender do profissional que esteja relacionado e comprometido com o seu trabalho. O fato de ser formado no ramo pedagógico também não quer dizer que seja um bom professor.</i>
<i>Todos não, alguns professores cumprem o que lhe é mandado, imposto como uma ação mecânica.</i>
<i>Para mim, o professor é um pedagogo quando não passa apenas o conteúdo, mas se preocupa com o desenvolvimento da criança.</i>
<i>Nem sempre, pois depende da formação que o profissional tem.</i>

Existe, na ótica destes professores, a ideia de complementaridade de funções entre aquilo que é ser professor e pedagogo.

3.2.2 O professor / o pedagogo – iguais ou diferentes?

Esta é uma distinção extremamente sutil e na qual se deve prestar a maior atenção, já que dessa forma se assume a existência de uma diferença entre aquele professor que dá aulas às séries iniciais ou da educação infantil e aquele profissional que, no seu cotidiano se dedica à coordenação, orientação, supervisão e direção dessas atividades e de outras atividades escolares ou, de alguma forma, relacionadas com a educação em geral.

Esse fato permite assumir que existem enfoques diferentes no trabalho do pedagogo relacionados com a educação, porém numa perspectiva de direcionamento individual daquele profissional que se envolve com a área.

O trabalho do profissional de educação que trabalha mais diretamente com a área administrativa deve considerar-se como diretamente ligado ao trabalho que o

profissional da educação desenvolve em sala de aula. Contudo deve considerar-se que enquanto um deles está mais envolvido com a organização e todo o funcionamento escolar que também envolve o processo formativo, o outro por sua vez está mais envolvido no processo de formação e deverá entender aquele como estando dentro da organização e do funcionamento escolar.

[...] ao falarmos de práticas educativas, estamos referindo-nos a práticas que ocorrem para a concretização de processos educacionais. Já ao falarmos de práticas pedagógicas, estamos referindo-nos a práticas sociais exercidas com a finalidade de concretizar processos pedagógicos (FRANCO, 2012, p. 152).

É bom lembrar também que existem outros espaços onde a educação está presente, contudo não faz parte do ambiente físico da escola, onde a preocupação é a sociedade, a comunidade e estes locais, exterior à infraestrutura escolar também devem ser consideradas pelos profissionais que estão envolvidos com o reconhecimento de todo o fenômeno educativo, da mesma forma que aqueles que trabalham diretamente dentro da sala de aula também devem lembrar-se da existência de outros espaços educativos mas que, de uma forma ou de outra, se refletem muitas vezes dentro da sala de aula.

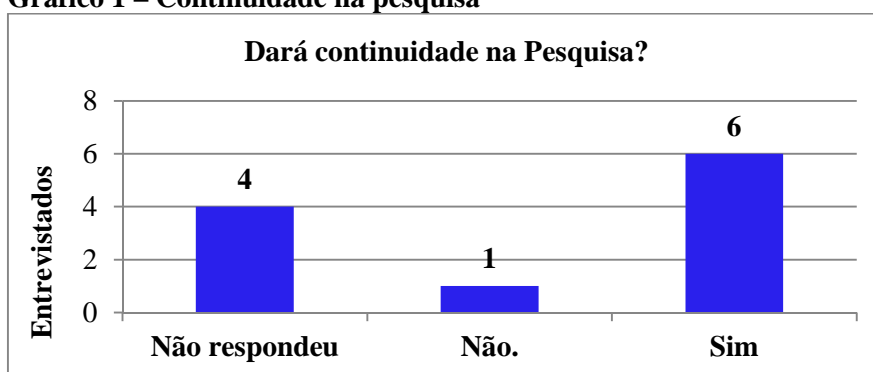
Assim, embora professor e pedagogo possam por vezes se envolver mais profundamente em trabalhos diferentes, no fundo ambos estão envolvidos em um mesmo processo. O desenvolvimento de qualquer um dos profissionais da educação formados na Pedagogia, em termos do seu trabalho será aprofundar-se naquilo que for mais interessante para si mesmo, enquanto crescimento e emancipação da sua atividade profissional, mas não deverá ser ignorada a base comum de saberes.

O próximo capítulo faz uma análise dos dados conseguidos junto das professoras iniciantes de educação infantil, onde se entende melhor qual a visão que os sujeitos do estudo têm acerca da educação, da pedagogia e da sua profissão, como um todo.

4 PERFIL DA AMOSTRA

Para permitir um melhor entendimento do perfil das participantes na pesquisa, em seguida apresentam-se os gráficos com os dados demográficos. Essa informação serve apenas como enquadramento do perfil das participantes ajudando a compreender as suas respostas e posicionamento perante as questões, já que muito daquilo que elas respondem e a sua forma de encarar e definir a sua atividade profissional, resulta da sua vivência familiar e profissional.

Gráfico 1 – Continuidade na pesquisa

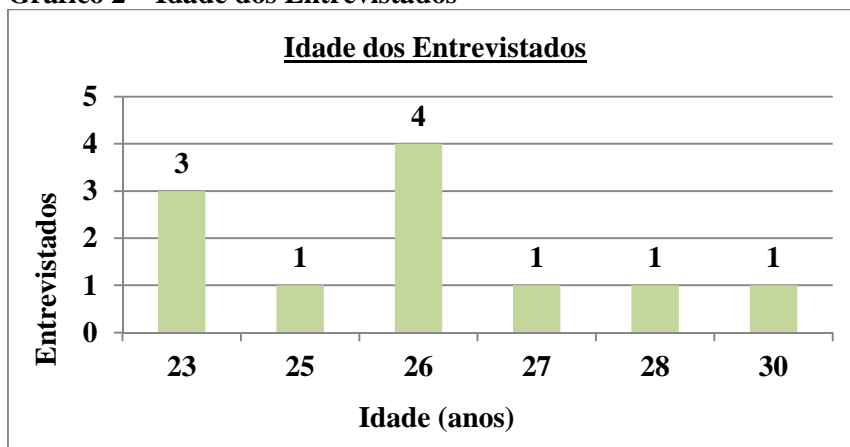


Elaboração: Autora

Dentre as respostas foram selecionadas 3 professoras iniciantes que concordaram em continuar a pesquisa, pretendendo-se iniciar com elas reflexões a respeito das escolhas, identidade e concepções à partir das histórias de vida, pelo pressuposto que as escolhas foram gestadas de acordo com a vida e as circunstâncias.

A faixa etária dos entrevistados situa-se entre os 23 e os 30 anos, encontrando-se distribuídos da seguinte forma:

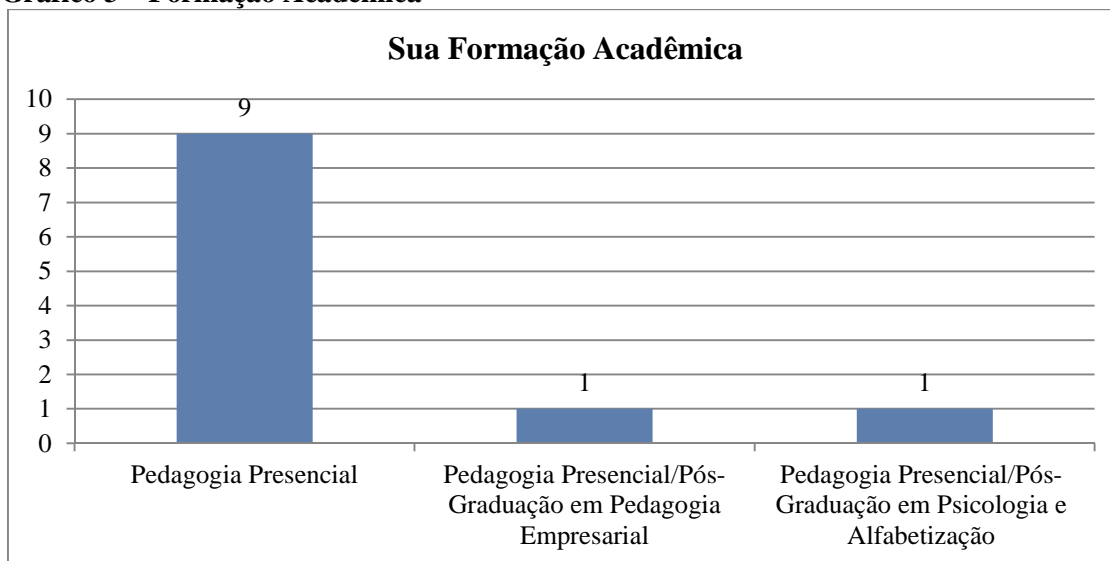
Gráfico 2 – Idade dos Entrevistados



Elaboração: Autora

A área pedagógica e de formação dos entrevistados é a seguinte:

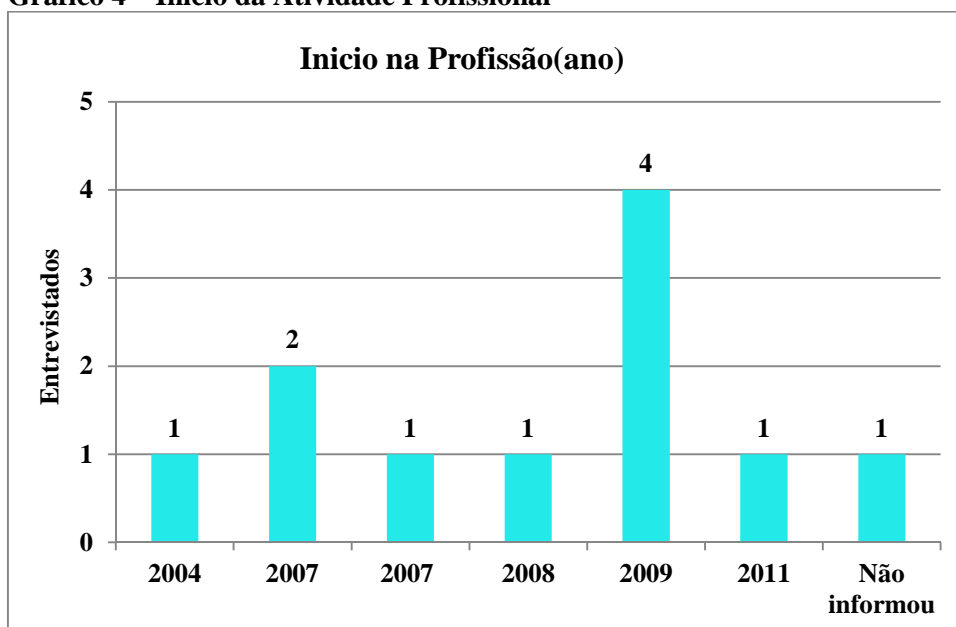
Gráfico 3 – Formação Acadêmica



Elaboração: Autora

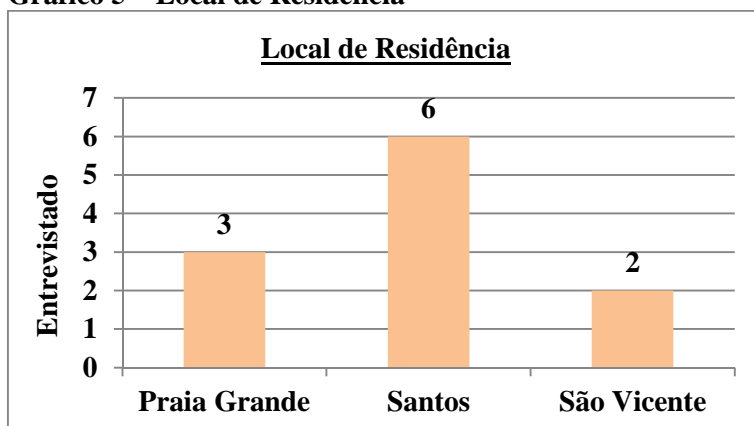
Estes professores iniciaram a sua atividade profissional entre 2004 e 2011, com a seguinte distribuição:

Gráfico 4 – Início da Atividade Profissional



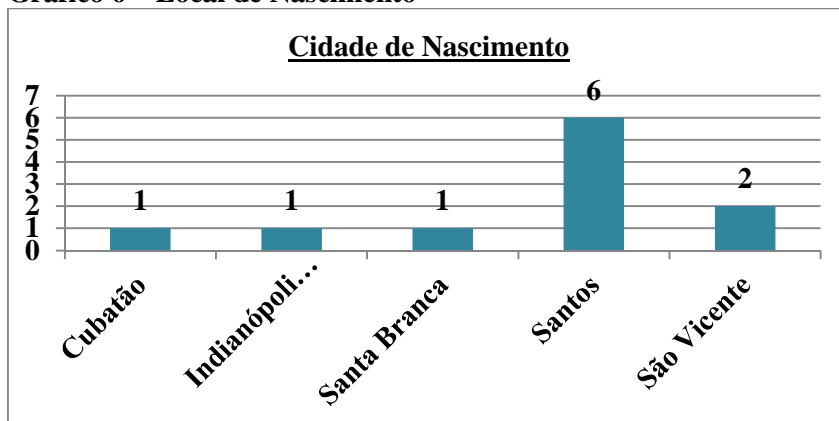
Elaboração: Autora

O local de residência dos entrevistados é na Baixada Santista, sendo a distribuição por cidades como segue:

Gráfico 5 – Local de Residência

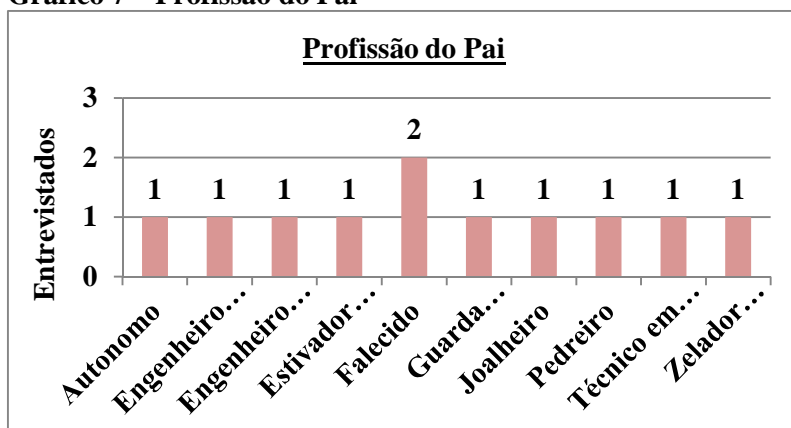
Elaboração: Autora

Em termos geográficos, os entrevistados são originários dos seguintes locais:

Gráfico 6 – Local de Nascimento

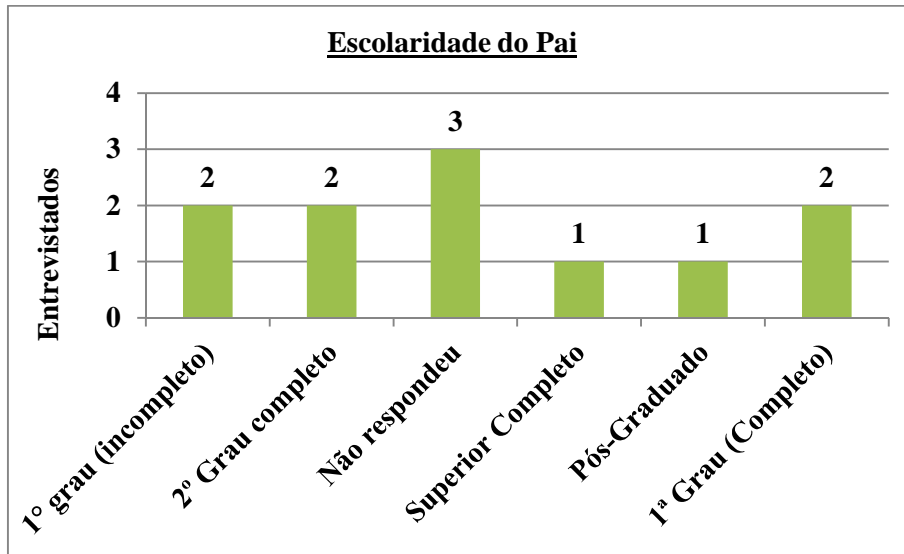
Elaboração: Autora

Outros dados demográficos inquiridos no questionário estavam relacionados com a profissão e escolaridade do pai e da mãe. Os resultados foram os seguintes:

Gráfico 7 – Profissão do Pai

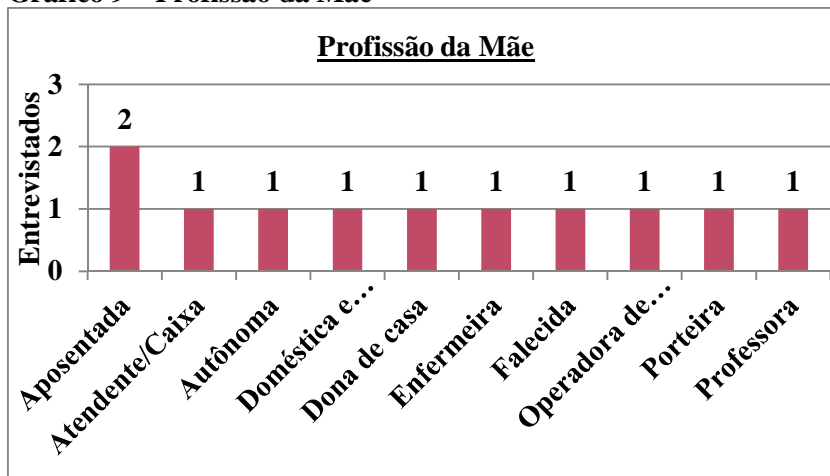
Elaboração: Autora

Gráfico 8 – Escolaridade do Pai



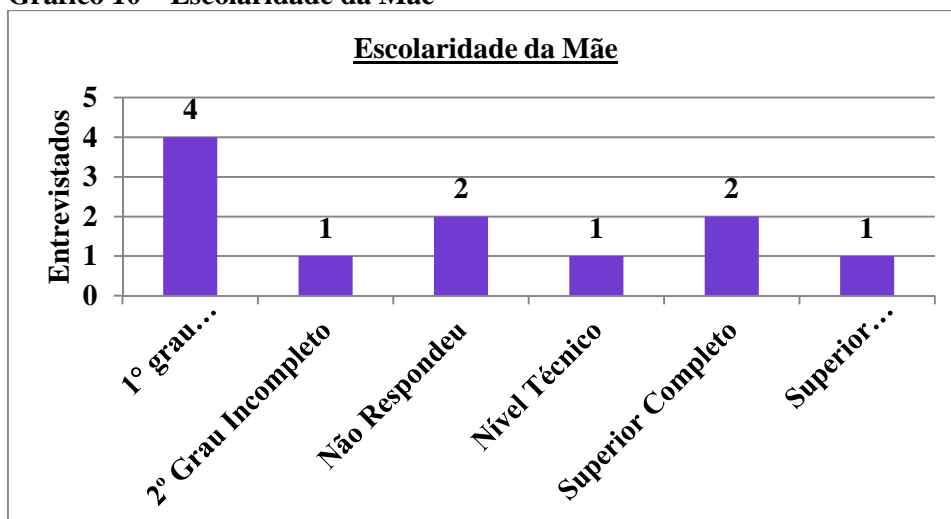
Elaboração: Autora

Gráfico 9 – Profissão da Mãe



Elaboração: Autora

Gráfico 10 – Escolaridade da Mãe



Elaboração: Autora

4.1 ANÁLISE DOS DADOS

Diferente da estocagem e da indexação de informações, da leitura interpretativa ou da crítica literária, uma importante finalidade da análise de conteúdo é produzir inferências sobre qualquer um dos elementos básicos do processo de comunicação: a fonte emissora; o processo codificador que resulta em uma mensagem; o detector ou recipiente da mensagem; e o processo decodificador (FRANCO, 2007, p.29).

Para melhor poder atingir os objetivos propostos inicialmente neste trabalho foram colocadas séries de perguntas que permitissem definir e compreender as motivações dos professores iniciantes, ao escolher esta carreira.

As questões foram divididas em 3 blocos (III – IV – V), sendo que o bloco III está relacionado com a escolha da profissão; o bloco IV aborda a atividade atual e o bloco V tem como tema algumas considerações sobre a docência.

Assim, o bloco III continha as seguintes perguntas:

Quadro 4 – Perguntas Bloco III

1) Você escolheu ser professora ou pedagoga?
2) Escolheu trabalhar em escola particular ou escola pública?
3) Há quanto tempo atua como professora/pedagoga?
4) Se pudesse escolher outra profissão, qual escolheria?

Em relação à pergunta 1 a maioria dos entrevistados escolheu a pedagogia e aqueles que o fizeram têm uma noção abrangente do que é ser pedagogo. Por exemplo:

Quadro 5 – Pergunta 1- Resumo

<i>Pedagoga por não passar apenas conhecimento, mas educar, passar valores e entender melhor o desenvolvimento da criança.</i>
<i>Pedagogia. Acredito que na sala de aula você transmite muito mais do que só o conteúdo programático, você vive aquele momento, ensina, educa e transmite valores sociais e morais.</i>

A escola é o lugar por excelência onde se forma o cidadão, ensinando cidadania e fornecendo as ferramentas que necessita para que possa progredir. Cidadania é definida como a pertença a uma comunidade, está ligada à liberdade e justiça (ABBAGNANO, 2007).

É com esta ideia base que os professores entrevistados olham para a sua função, sentem que existe algo mais do que apenas transmitir conhecimento.

É tornar a educação, a formal e a não-formal como um espaço onde haja lugar à formação crítica e não apenas aquela que é dirigida para a formação de mão-de-obra para o mercado de trabalho. Educar para mudar a forma de reprodução da existência humana no planeta, porque não é possível mudar o mundo sem mudar as pessoas, porque este é um processo interligado (GADOTTI, 2006).

No entanto e tal como foi levantado durante o trabalho, para alguns os dois conceitos/funções/profissões confundem-se, como se pode ver pelas transcrições de algumas das respostas.

Quadro 6 – Pergunta 1- Resumo

<i>Escolhi ser professor independente da nomenclatura, pois ambos exercem a mesma função.</i>

<i>Escolhi os dois, pois tem a mesma função.</i>
--

Na pergunta 2 é clara a preferência pelo ensino em escola pública, sobretudo numa perspectiva de poder trabalhar com crianças mais carenciadas e também participando do desenvolvimento do ensino público. Outros não tiveram opção embora demonstrem a sua preferência. Esta ideia é comum ao pensamento de Contreras (2012) que considera que a profissionalidade docente deriva da relação com a comunidade social na qual os professores devem realizar a sua prática profissional.

Quadro 7 – Pergunta 2- Resumo

<i>No início da carreira trabalhei em escola pública como estagiária, gostando do sistema e depois tive a oportunidade de trabalhar em escola particular, mas prefiro o sistema de ensino público.</i>
--

<i>Sempre quis trabalhar em escola pública, na qual atendesse um público de classe média ou baixa.</i>
--

<i>Pública, não tenho muita preferência, mas acredito que posso fazer mais pela escola pública e ajudar no desenvolvimento.</i>

<i>Por preferência escola pública, porém só trabalhei em particular e agora filantrópica.</i>

A pergunta 3 está quantificada no Gráfico 4 (p. 52) e em relação à pergunta 4, as respostas são bem variadas e vão desde profissões como Veterinária, Médica, Assistente Social, Pediatra, Psicóloga até Jornalista, Advogada, Arquiteta, Administradora.

Do Bloco IV (Atividade Atual), fazem parte as seguintes perguntas:

Quadro 8 – Perguntas Bloco IV

1) Foi escolha sua estar na educação infantil? Justifique.
2) Se aqui houvesse ensino fundamental você optaria em trabalhar no infantil ou iria para o fundamental? Justifique.
3) Gostaria de ter outras atividades além da docência? Por quê?

Assim, neste bloco indicam-se as respostas dadas pelas participantes na pesquisa e que estão relacionadas com as suas escolhas de carreira, tanto a carreira atual como aquela que poderiam vir a optar numa fase posterior da profissão, bem como outras atividades que gostassem de efetuar, para além da sua função profissional cotidiana.

É quase unânime pela afirmativa, a resposta à pergunta “Foi escolha sua estar na educação infantil?”. Apenas uma pessoa não está na educação infantil por escolha própria, o que revela algum espírito de missão, no que à educação infantil diz respeito.

A intenção de contribuir para a formação de futuros cidadãos mobiliza as entrevistadas, que entendem a sua profissão como a prestação de um serviço com enorme relevância social, apesar da precarização e desvalorização da profissão, tal como afirma Enguita (1998).

Quadro 9 – Pergunta 1- Resumo

<i>Sim, adoro trabalhar com crianças.</i>
<i>Sim, acredito que a educação é a base de uma vida toda.</i>
<i>Sim, gosto de trabalhar com os menores e acompanhar todo o desenvolvimento que acontece com as crianças nessa fase.</i>
<i>Sim, prefiro trabalhar com a educação infantil pois acredito fielmente na transformação da sociedade e é na primeira infância que começamos a trabalhar essa transformação.</i>
<i>Sim, acredito muito na importância da educação infantil formando bases para conhecimentos futuros.</i>
<i>Sim, desde o dia que optei em cursar Pedagogia, já pensava em trabalhar com educação infantil.</i>

Subentende-se que estes professores acreditam que é nesta idade que se forma a personalidade e a autonomia da criança, pelo que a sua influência, enquanto educadores pode ser mais efetiva, mais transformadora e esse foi um dos motivos pelos quais resolveram também se tornar professores, poder intervir, poder formar cidadãos.

Na pergunta 2, a maioria dos entrevistados escolhe continuar no ensino infantil, por gostarem de ensinar esta faixa etária. Outros colocam a hipótese de mudarem para o ensino fundamental, como forma de ampliar as suas competências enquanto professor.

Segundo Oliveira-Formosinho (2002) existe uma especificidade inerente à profissionalidade docente na Educação Infantil e dentro dessa especificidade está a necessidade de adquirir saberes específicos para atuar junto das crianças, bem como dos pais, procurando uma interação entre todos, que possa permitir um melhor desenvolvimento da personalidade da criança. Daí ser importante esta percepção e direção que as entrevistadas apresentam, ao trabalhar com crianças por decisão própria.

Quadro 10 – Pergunta 2- Resumo

<i>Infantil, simplesmente eu gosto, mas futuramente posso pensar no fundamental.</i>
<i>Infantil, acredito ser o meu perfil.</i>
<i>Optaria em trabalhar no infantil, pois é uma faixa etária de que gosto de trabalhar. Ainda não trabalhei no fundamental, mas por enquanto tenho preferência no infantil.</i>
<i>Continuaria na educação infantil pois acho prazeroso trabalhar com as faixas etárias.</i>
<i>Como eu já estou há 3 anos nesta instituição, eu conheço um pouco a faixa etária e gostaria sim, se pudesse escolher, optaria pelo ensino fundamental e aprimorar minha atuação como educadora.</i>

A maioria dos entrevistados respondeu na pergunta 3 que gostaria de desenvolver outras atividades para além docência, uns relacionados com a área da educação numa perspectiva de aumentar os seus conhecimentos e também de ampliar o âmbito da sua função enquanto professores. Já outros o fariam apenas pensando no aspecto econômico.

Quadro 11 – Pergunta 3- Resumo

<i>Sim, gostaria muito de ter a oportunidade de seguir carreira na educação, pois penso em crescer profissionalmente e me aperfeiçoar cada vez mais na minha profissão.</i>
<i>Gostaria de poder trabalhar com os pais, acredito que às vezes a escola necessita de um profissional que faça uma junção entre a escola e a família.</i>
<i>Me sinto satisfeita em dar aula aprendendo e observando os avanços no aprendizado infantil, porém, gostaria de fazer o trabalho de psicopedagoga. Gosto muito da educação especial.</i>
<i>Sim, para complementar a renda.</i>

Em relação ao Bloco V, as perguntas que foram colocadas aos professores, relacionadas com a docência foram as seguintes:

Quadro 12 – Perguntas Bloco V

1) Porque escolheu ser professora?
2) Como se tornou professora?
3) Para você qual é o sentido de ser professora ou pedagoga?
4) Como você se sente quando acorda de manhã e tem que ir na sala de aula?

5) Para você o que é ser um bom professor?
6) Todo professor é um pedagogo na sala de aula? Sim/Não/por quê?
7) Você se considera um bom professor? Comente
8) O que lhe faz sentir ser um bom professor?
9) Quando você tem certeza que é um bom professor?
10) Você é feliz sendo professora?
11) Você acha que a pedagogia é uma ciência? Justifique

Respondendo à pergunta 1 é notório que praticamente todos optaram pela profissão de professor por vocação, desejo de infância, por querer contribuir para o crescimento e desenvolvimento dos outros. Ressaltamos as seguintes respostas:

Quadro 13 – Pergunta 1- Resumo

<i>Desde pequena sempre gostei, adorava brincar de escolinha e sempre queria ser professora.</i>
<i>Para mim, a profissão de professora é muito nobre, pois é ela que faz com que nos tornemos cidadãos críticos.</i>
<i>Gosto do que faço e escolhi ser professora pelo fato de poder contribuir com a formação do ser humano e com a sociedade também. Escolhi ser professora, pois meu coração sempre me indicava essa direção.</i>
<i>Porque acredito que a educação quando praticada com dedicação muda o cidadão e faz crescer a sociedade.</i>
<i>Desde criança sempre brinquei de ser professora, até um primo meu eu ajudei a alfabetizar, mas descobri mesmo o gosto de ensinar quando fui instrutora de informática por dois anos.</i>

Este tipo de pensamento e sentimento em relação à profissão de professor relaciona-se com as palavras de Arroyo (2000, p.33), ao afirmar que “a ideia de vocação pode estar incrustada na ideia de profissão. [...] a figura de um professor, aquele que professa uma arte, uma técnica ou ciência. [...] São difíceis de apagar no imaginário social e pessoal sobre o ser professor, educador, docente”.

Como se tornou professora é o que se pergunta na 2 e o caminho é comum a todas, a Pedagogia.

Quadro 14 – Pergunta 2- Resumo

<i>Pensava em fazer Pedagogia, fiz o teste vocacional e deu Pedagogia e então resolvi fazer faculdade e uma colega me indicou a área.</i>
<i>Essa é uma profissão que eu gosto muito, eu consegui uma bolsa do PROUNI para estudar Pedagogia e logo no primeiro semestre eu já havia conseguido um estágio em um colégio público de Praia Grande e por aí progredi.</i>
<i>Iniciei o curso de Pedagogia e um ano depois comecei a entregar currículos, até que fui chamada como monitora, no ano seguinte passei para auxiliar e hoje sou pedagoga.</i>

<i>Cursando Pedagogia.</i>
<i>Fazendo graduação na área de Pedagogia</i>

Qual o sentido de ser professora/pedagoga é o questionamento feito na pergunta 3 e aqui fica explícito o que os entrevistados pensam acerca da sua profissão: compromisso com o próximo, saber e poder transmitir conhecimento, formar o cidadão. Tal como Kramer (1982) afirmava, considerando que é na educação infantil onde a criança começa a se desenvolver e a educação que ela venha a receber se torna fundamental para a sua formação enquanto indivíduo.

De qualquer forma, fica patente nesta resposta que o tipo de discurso está mais relacionado com a atividade de professor do que propriamente a de pedagogo. Isso está explícito na forma como pretendem intervir e influenciar diretamente no cotidiano da criança, estando presente no seu desenvolvimento, inculcando valores e fornecendo conhecimento.

Quadro 15 – Pergunta 3- Resumo

<i>Transmitir conhecimento e contribuir para a formação das crianças.</i>
<i>É estabelecer uma base da melhor forma, para a construção do conhecimento a outro alguém. É buscar minuciosamente o que de fato será significativo à pessoa.</i>
<i>Transmitir conhecimento ao próximo.</i>
<i>É poder estar presente no desenvolvimento e evolução das crianças.</i>
<i>O mais óbvio e incondicional. O gostar da profissão e acreditar que por meio dela podemos fazer a diferença dentro da sociedade, mudando o modo de vida das pessoas, pois sem educação a sociedade não evolui.</i>
<i>Professora é aquela que ensina e a pedagoga também, porém, tem uma formação específica para exercer essa função.</i>

A pergunta 4 tem por base o sentimento que os entrevistados sentem ao acordar de manhã e ir para uma sala de aula. Pelas respostas pode inferir-se que estas são pessoas que gostam do que fazem e sentem-se realizadas com a profissão que escolheram, como se pode avaliar por algumas das respostas transcritas em seguida.

Da análise às respostas dadas pelas professoras iniciantes, é possível identificar, segundo Enguita (1998) que ensinar crianças é um elemento motivador importante, observar o seu desenvolvimento, contribuir para a sua formação. Daí é possível reportar à questão da vocação, ao ideal de serviço que aparece como uma característica que as professoras de educação infantil apresentam.

Quadro 16 – Pergunta 4- Resumo

<i>Me sinto feliz, por estar trabalhando na área que me identifico.</i>
<i>Sinto-me realizada de saber que estou contribuindo para a formação e o desenvolvimento das crianças.</i>
<i>Contente, por saber que os pequenos estarão me esperando para saber qual a atividade do dia. E o mais gratificante é saber que faço a diferença e sou referência para eles, isso não tem preço.</i>
<i>Muito feliz, por saber que tenho pais que acreditam no meu trabalho e por ter crianças que evoluem com a nossa dedicação e planejamento.</i>
<i>Bem, pois estou indo exercer a profissão que escolhi.</i>
<i>Me sinto bem, pois gosto do que faço.</i>

Na pergunta 5 é colocada uma questão importante para os objetivos deste trabalho e que está relacionada com a ideia do que é ser um bom professor. Aqui as respostas vão desde os sentimentos pessoais em relação à própria profissão e os desafios inerentes à mesma.

Quadro 17 – Pergunta 5- Resumo

<i>É aquele que sabe ensinar, educar, respeitar e aprender com o aluno. É buscar se aprimorar, pesquisar e adquirir novos conhecimentos.</i>
<i>Além de gostar do que faz, é ser comprometido e se atualizar sempre para dar o melhor de si.</i>
<i>É estar sempre buscando novas estratégias para ensinar, instigando as crianças, a gostar do que faz e acreditar que a educação é importante para si e para os seus alunos.</i>
<i>É ser dinâmico, estar antenado nos assuntos, ter conhecimentos pedagógicos, é saber passar tais conhecimentos. Ter responsabilidade com o seu educando e manter o comprometimento com seu ensino.</i>
<i>Estar sempre atualizado, ter paciência e carinho pela profissão.</i>

Ou tal como define Nóvoa (1995), existem cinco facetas que definem o bom professor: conhecimento, cultura profissional, o tato pedagógico, saber trabalhar em equipe e ter um compromisso social.

A pergunta 7 está relacionada com a avaliação pessoal que cada um faz de si enquanto professor. De uma forma geral, todos se consideram bons professores, na medida em que se esforçam por corresponder ao que é esperado, buscando garantir bons resultados na transmissão de conhecimentos às crianças. Outros enfatizam mais o fato de fazerem aquilo que gostam, logo existe a motivação de querer sempre fazer o melhor.

Quadro 18 – Pergunta 7- Resumo

<i>O bom professor é aquele que está em constante aprendizagem. Eu procuro estar sempre buscando conhecimento para melhorar a prática.</i>
--

<i>Sim, porque gosto do que faço e se faço gosto de fazer bem feito. Afinal são vidas e é preciso ser vivida da melhor forma.</i>
<i>Claro, faço o melhor para garantir bons resultados com meus alunos, procuro organizar minhas aulas antecipadamente.</i>
<i>Sim, pois sou comprometida e gosto muito do que faço, me dedico muito para dar o meu melhor.</i>
<i>Sempre procuro fazer o melhor e ter muito respeito com o meu trabalho e comprometimento com a minha profissão.</i>
<i>Sim, gosto do que faço e quando você gosta, independente da profissão, você tende a ser um bom profissional.</i>

A pergunta 8 surge como um complemento da pergunta anterior e tem a ver com aquilo que lhe faz sentir ser um bom professor. Aqui a sensação generalizada tem a ver com o retorno recebido e percebido, no nível dos resultados alcançados pelo seu trabalho. No fundo, é aquilo que Freire (2011, p. 118) preconiza quando diz que “ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor” e que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou construção”(FREIRE, 2011, p. 24).

Quadro 19 – Pergunta 8- Resumo

<i>Saber que consegui transmitir um pouco do meu conhecimento e ter a realização de formar um bom cidadão.</i>
<i>Ser reconhecida, saber que estão felizes com o meu trabalho e ver a educação das crianças.</i>
<i>O carinho recebido e o reconhecimento de quem observa a nossa dedicação.</i>
<i>Perceber os resultados com os alunos, ver a evolução de cada um.</i>
<i>Quando vejo a evolução dos alunos, quando sei que pude contribuir de alguma forma com a aprendizagem.</i>
<i>Ver que as crianças estão se desenvolvendo de uma forma prazerosa e feliz.</i>

O sentido da pergunta 9 embora relacionado com as duas perguntas anteriores, procura saber o grau de certeza do bom desempenho na profissão que cada um tem de si mesmo. Também aqui o grau de certeza resulta da aprovação externa, do reconhecimento do seu trabalho e da evolução que é percebida nos seus educandos. Ou como afirmam Tardif (2011, p. 159):

Os professores investem muito, emocionalmente falando, em seu trabalho: trata-se de um trabalho emocional consumidor de boa dose de energia afetiva e decorrente da natureza interpessoal das relações professor/aluno. Na verdade, dificilmente os professores podem ensinar se os alunos não gostarem deles ou, pelo menos, não os respeitarem. Desse modo, suscitar esse sentimento dos alunos é uma

parte importante do trabalho.

Quadro 20 – Pergunta 9- Resumo

<i>Quando vejo a evolução das crianças.</i>
<i>Quando vejo que consegui acrescentar algo na vida das crianças.</i>
<i>Quando vejo que o que eu ensinei está se multiplicando.</i>
<i>Quando vejo uma criança que entrou na instituição sem saber pegar no lápis e sair com conhecimento do mundo muito grande, escrevendo, é lindo.</i>
<i>Quando o conteúdo foi aprendido pelos alunos.</i>
<i>Quando vejo retorno do meu trabalho, é muito bom ver a evolução e o desenvolvimento da criança.</i>
<i>Principalmente ao fim do ano, observando como eram e como ficaram, o quanto se desenvolveram e também o carinho que as crianças tem por nós. E quando os pais confiam e gostam, sinal que acreditam em nós e estão satisfeitos com o trabalho.</i>

A pergunta 10 está relacionada com a satisfação pessoal no exercício da profissão, ou seja, se a pessoa é feliz sendo professora. Quase todos demonstram muita certeza no sentimento de felicidade que o exercício da profissão lhe proporciona. Apenas dois dos inquiridos se coloca algumas reservas.

Quadro 21 – Pergunta 10- Resumo

<i>Sim, quando sou reconhecida.</i>
<i>Sim, gosto muito do que faço (4).</i>
<i>Sim, tenho a certeza que me achei profissionalmente.</i>
<i>Professor nunca pode dizer que é extremamente feliz porque existe alguns fatores que impedem o mesmo de realizar um bom trabalho, como condições de trabalho, família, carreira, falta de motivação dos órgãos competentes. Mas na medida do possível, sou feliz por escolher a profissão certa e quero crescer cada vez mais.</i>
<i>Me pergunto isso todos os dias e não sei responder essa pergunta.</i>

Pedagogia é uma ciência? Este é o conteúdo da pergunta 11 e quanto a ele existe unanimidade. A percepção que existe da Pedagogia é que é uma ciência e as justificativas para a afirmativa são as que se seguem:

Quadro 22 – Pergunta 11- Resumo

<i>Acredito que sim, pois tem como objetivo o estudo da educação.</i>
<i>É uma ciência que estuda o comportamento e o desenvolvimento e suas fases.</i>
<i>Sim, a Pedagogia assim como a Educação como um todo, é uma ciência inacabada, pois a todo o instante é exigido do profissional que se mantenha atualizado, buscando novas tecnologias para seu melhor desempenho em sala de aula.</i>
<i>Uma professora minha definia a Pedagogia da seguinte forma: “Pedagogia é a arte de lidar com a vida” Eu concordo com esta frase e sempre utilizo a mesma para definir a pedagogia.</i>
<i>Sim, pois ela estuda o comportamento e relacionamento humano.</i>

Sim, pedagogia é uma ciência que forma professores. É uma ciência que engloba diferentes estudos.

Sim, pedagogia é a ciência que forma o professor.

Sim, é uma ciência que capacita o indivíduo as técnicas para ensinar.

Sim, entendo que pedagogia vai além de dar aula, de conhecer o ABC. É uma ação que conforme as experiências vão se modificando e acrescentando melhores habilidades para serem desenvolvidas.

Sim, pois estamos sempre em constante aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas versando o tema da formação de professores e a atratividade da carreira docente tem aumentado nos últimos anos, bem como os enfoques que são escolhidos, tomando diferentes direções. Ao analisar a atratividade da carreira docente e o seu sentido de profissionalidade é possível verificar que a sociologia das profissões demonstra como são complexas as fragilidades que envolvem o trabalho docente.

Considerada antigamente como uma profissão extremamente importante e cujo estatuto era respeitado, com o decorrer dos tempos e em virtude de uma série de mudanças na sociedade, ser professor tem vindo a ser cada vez menos considerado e respeitado, o professor sente-se desrespeitado, diminuído e desconsiderado.

A ideia subjacente a este trabalho era a de entender o que leva as pessoas a escolherem ser professores apesar de todas as dificuldades e obstáculos que a profissão vem encontrando e tentar entender quais as noções que os professores iniciantes na área da educação infantil têm da sua profissão, da Pedagogia, de docência e de tudo o que envolve ser professor.

Para além da necessária pesquisa bibliográfica objetivando conseguir dar resposta aos questionamentos propostos e colocados inicialmente, foram ainda questionadas as integrantes do corpo docente de uma escola que estavam dentro do perfil pretendido. Após estes procedimentos atingiram-se as conclusões que agora se apresentam.

No decorrer da pesquisa bibliográfica realizada acerca do tema proposto, através de autores que abordaram estes temas permite concluir-se que não existe uma definição clara das noções de Pedagogia e Docência, é como se elas fossem complementares e indissociáveis, ou pelo menos é assim que ambas se apresentam na prática.

O trabalho docente no Brasil caracteriza-se pelo acúmulo de funções e responsabilidades que são atribuídos aos professores e aos seus procedimentos, resultando numa absorção de tempo que acabam impedindo uma prática mais refletida e direcionada à sociedade, levando a que os professores se tornem em meros executores daquilo que aprenderam na sua formação inicial.

Essa indefinição reflete-se também nas afirmações feitas pelos professores que foram entrevistados, já que existe quem separe as noções de uma e de outra, porém existe também quem pense que as duas são uma e a mesma coisa.

Consultando a vasta bibliografia que existe relacionada com a questão da Pedagogia e Docência, os seus diferentes conceitos e até mesmo a evolução em termos legislativos, fica claro que, pelo menos da parte das professoras que participaram do estudo, a separação entre os dois conceitos é tudo menos clara. A julgar pelas respostas o professor e o pedagogo exercem funções semelhantes, deixando perceber algum desconhecimento quanto às variantes que as duas funções apresentam. Em momento nenhum é mencionada a questão organizacional ou de gestão que o pedagogo está capacitado para assumir. A perspectiva transmitida pelas inquiridas está apenas relacionada com o seu desempenho em sala de aula, junto das crianças, na sua função de educadora e de auxiliar na construção da autonomia da criança.

Pode, no entanto, perceber-se pela leitura de vários teóricos acerca do tema que a Pedagogia exerce uma ação com um âmbito que vai para além do ambiente escolar, ultrapassando os limites da escola e tendo uma ação fora desta, no acompanhamento da evolução das crianças, não apenas enquanto alunos, mas também enquanto pessoas. Denota um carácter mais social, que se pretende mais interventivo.

Existe, contudo a percepção que o professor não é apenas o profissional, que exerce a sua profissão como se de qualquer outra se tratasse, mas trata-se de uma noção de profissionalidade, algo que vai além do simples exercício de ensinar.

É algo que tem a ver com a vocação, com a percepção interior de que é algo que permite uma realização pessoal e que é resultado também do contexto que envolve, tanto os professores como alunos. Contextos económicos, sociais, culturais, todos estes aspectos são tidos em consideração quando se exerce a profissão, na prática. E quando se investiga o trabalho docente em uma perspectiva de profissionalidade, essa investigação também implica entender os professores como atores sociais, onde eles constroem a sua vida e a sua profissão.

Numa tentativa de entender como a profissão é vista e porque se escolhe ser professor e como decorrência das entrevistas que foram efetuadas junto de professores iniciantes, sendo este um dos objetivos inicialmente propostos na abordagem desta dissertação, foi possível compreender algumas das razões relacionadas com estas escolhas, ao mesmo tempo em que ficou também esclarecido quais os fatores que levam a que, por outro lado, esta profissão tem vindo a perder muito da sua credibilidade e aceitação enquanto via profissional pelos jovens que terminam os seus cursos na Faculdade.

As abordagens efetuadas permitiram ainda, compreender as escolhas feitas

relacionadas com a profissão de professor/pedagogo, que resultam, sobretudo de uma vontade interior, uma vocação que se manifestou desde sempre e que veio a ser confirmada, quando iniciado o ciclo profissional.

Embora exista essa indefinição de conceitos relacionada com aquilo que é Pedagogia e Docência, é possível compreender a percepção que cada um dos entrevistados tem acerca da função pedagógica que lhes está atribuída. Ensinar, educar, transmitir conhecimento, ver a evolução das crianças, tanto em nível escolar como em nível do seu crescimento pessoal e o reconhecimento do seu trabalho. Esta compreensão permite atingir outro objetivo definido inicialmente. As definições de Docência e Pedagogia, como afirmado por estudiosos do tema, confundem-se entre si e não existe uma clarificação acerca do que é o que, daí que os próprios professores entrevistados tenham as suas próprias percepções acerca do que é Pedagogia e Docência. No entanto, aquilo que para eles é claro é o que se espera deles, enquanto profissionais, sejam eles pedagogos, professores ou as duas coisas. Isso pode ser verificado também nas respostas dadas nos questionários.

Não é possível entender a questão da identidade dos professores, sem que a mesma seja inserida na história dos próprios atores, das suas ações, dos seus projetos e do desenvolvimento profissional que foram adquirindo. A constituição da profissionalidade docente é apoiada firmemente nas relações e nas situações que acontecem cotidianamente na escola e é um aprendizado que decorre de diferentes fontes, seja com os alunos ou com os outros professores.

De uma forma geral, embora tenham existido poucos comentários acerca da questão política, de como a profissão é vista, a ideia que fica é que estes profissionais têm prazer e orgulho no que fazem e para eles, a profissão de professor tem o *glamour* que lhes fez optar por esse caminho e que é fazer aquilo que gostam embora também sejam mencionadas questões como o desprestígio, a desvalorização profissional e as dificuldades da docência.

Perante o exposto, pode então concluir-se que a questão problema foi respondida, seja através da literatura consultada e cujas ideias estão presentes neste texto, bem como nas respostas fornecidas pelos objetos de pesquisa, as professores iniciantes de educação infantil, ao expressarem os motivos pelos quais optaram pela carreira docente.

Também os objetivos se encontram respondidos, já que foi possível compreender o que levou as jovens pedagogas a escolherem a profissão docente, a

entender qual a percepção que têm da sua função, independentemente dos conceitos teóricos que lhe estão subjacentes e finalmente, foram apresentados os diferentes conceitos e visões de vários estudiosos e que através das suas palavras ajudaram a entender a problemática e a cumprir os objetivos propostos.

Mais uma vez, embora se refira que a questão da atratividade da profissão docente careça de mais estudos, sobretudo de carácter quantitativo e a literatura que aborda o tema, de forma mais qualitativa e bibliográfica verse quase sempre sobre os mesmos ângulos: descrédito, desmotivação, banalização do perfil do professor, más condições de trabalho, salários baixos, todos estes aspectos que resultam das políticas adotadas pelos sucessivos governos, fica a esperança que, em função das ideias e afirmações proferidas pelas jovens professoras, mencionando os aspectos positivos da sua profissão, o seu amor pelo ensino, a sua vontade de formar cidadãos e pessoas de bem possa ajudar a reverter a situação e evitar que a falta de profissionais docentes cresça e que seja possível apostar na formação adequada de quem escolhe a missão de ensinar.

Torna-se essencial que haja uma preparação mais adequada, enquanto estudantes, para que os professores, ao iniciarem a sua vida profissional estejam mais preparados, não apenas em nível académico, com toda a bagagem teórica mas que lhes seja possibilitada uma maior formação inicial, através de cursos e também que se criem políticas públicas que possam funcionar de forma articulada, com todos os sistemas de ensino existentes no país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, N. **Cidadania**. Dicionário de Filosofia. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AGUIAR, M. *et al.* **Diretrizes curriculares do curso de pedagogia no Brasil**: disputas de projetos no campo da formação do profissional da educação. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, v. 27, n. 96, p. 819-842, out. 2006.

AMBROSETTI, Neusa; ALMEIDA, Patricia. Profissionalidade docente: uma análise a partir das relações constituintes entre os professores e a escola. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. V.90, n. 226, p. 592-608, set./dez. 2009.

ANGOTTI, Maristela (org.). **Educação infantil: para quê, para quem e por quê?** In: COSTA, Fatima. O cuidar e o educar na educação infantil. Campinas: Alínea, 2008.

ARROYO, M. **Ofício de mestre**: imagens e auto-imagens. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

BATISTA, Simone. Um diálogo entre comunicação e educação: a formação inicial de professores em sociedades midiáticas, 2012, 220 f. Tese (Doutor em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**. Porto Alegre: Zouk, 2007.

BRASIL. MEC. **Referencial Curricular nacional para a educação infantil**. Vol. I, Brasília, 1998

_____. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Resolução 1/2006**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Maio, 2006.

BRASIL, **Escassez de professores no ensino médio: propostas estruturais e emergenciais**: relatório produzido pela Comissão Especial instituída para estudar medidas que visem a superar o déficit docente no Ensino Médio (CNE/CEB), 2007.

BRITO, Rosa. **Breve histórico do curso de Pedagogia no Brasil**, 2013. Disponível em: http://dialogica.ufam.edu.br/PDF/no1/1breve_historico_curso_pedagogia.pdf. Acesso em: 5 mar. 2014.

CABANAS, Quintana. **Pedagogia, ciencias de la educación y ciencia de la educación**. In: VÁRIOS. *Estudios sobre epistemologia y pedagogia*. Madrid: Amaya, 1983.

CARVALHO, Adalberto. **Epistemologia das ciências da educação**. Porto: Afrontamento, 1988.

CHARLOT, Bernard. **A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas**: especificidades e desafios de uma área de saber. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 31, p. 7-18, jan./abr. 2006.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória do Severino e a História da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

CONTRERAS, José. **A autonomia de professores**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ENGUITA, Mariano. La condicion del docente. *In*: La escuela a examen: un análisis sociológico para educadores y otras personas interesadas. Salamanca: Pirámide, 1998.

FANFANI, E. Consideraciones sociológicas sobre profesionalización docente. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 99, p. 335-354, mai./ago, 2007.

FARIA, Ernesto. **Atratividade da carreira docente é questão-chave**. Educação. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2013/08/1321255-analise-atratividade-da-carreira-docente-e-questao-chave.shtml>>. Acesso em: 12.set.2013.

FRANCO, Maria. **Análise do Conteúdo**, 2 ed. Brasília: Liber, 2007.

FRANCO, Maria. **Para um currículo de formação de pedagogos**: indicativos. In: PIMENTA, Selma (Org.). Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas. São Paulo: Cortez, 2002.

_____ **Pedagogia e prática docente**. São Paulo: Cortez, 2012

_____ **A pedagogia como ciência da educação**: entre epistemologia e prática. 2001. Tese de Doutorado – Universidade São Paulo, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

_____ **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 34 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____ **Pedagogia do oprimido**. 36 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREITAS, Marlene. **A profissionalidade docente na educação infantil: contributos de processos formativos no brincar**. XVI ENDIPE, Campinas: UNICAM, 2012.

FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA. **A atratividade da carreira docente no Brasil**. São Paulo, 2009.

GADOTTI, M. Cidade educadora e educanda. **Revista Pátio**. Porto Alegre, X, n. 39, ago/out. 2006.

GARCIA, Maria; HYPÓLITO, Álvaro; VIEIRA, Jarbas. As identidades docentes como fabricação da docência. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 45-56, jan.-abr. 2005.

GATTI, Bernadete. **Formação de professor e carreira**: problemas e movimentos de renovação. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

_____ **Formação continuada de professores**: a questão psicossocial. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 119, p. 191-204, jul. 2003.

_____ **Os professores e suas identidades**: o desvelamento da heterogeneidade. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 98, p. 85-90, ago. 1996.

GATTI, Bernardete; TARTUCE, Gisela; NUNES, Marina; ALMEIDA, Patrícia. **A atratividade da carreira docente**. Estudos e pesquisas educacionais, Fundação Victor Civita, 2009. Disponível em <<http://www.fvc.org.br/estudos-e-pesquisas/avulsas/estudos1-4-atratividade-carreira.shtml?page=4>>. Acesso em 12.mar.2013.

GATTI, Bernardete; BARRETO, Elba. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: Unesco, 2009.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GRACIANI, M. **Pedagogia social de rua**. São Paulo: Cortez, 2006.

HOYLE, Eric. *Professionalization and deprofessionalization in education*. London: Kogan Page, 1980.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2009.

JESUS, Saul. Desmotivação e crise de identidade na profissão docente. **Revista Katálysis**, v. 7, n. 2, p. 192-202, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. **Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos sócio culturais e projetos de vida programados na invenção de si**. In: SOUZA, EC ABRAHÃO, M.H. (orgs) *tempos, narrativas e ficções; a invenção de si*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2006.

_____. **Experiências de vida e formação**. Educa, 2002.

KRAMER, Sônia. **A política da pré-escola no Brasil: a arte do disfarce**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

LAKATOS, Eva; MARCONI, Marina. **Fundamentos de metodologia científica**, 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAPO; Flavinês; BUENO, Belmira. **O abandono do magistério: vínculos e rupturas com o trabalho docente**. *Psicologia USP*, v. 13, n. 2, p. 243-276, 2003.

LEVENFUS, Rosane; NUNES, Maria. **Principais temas abordados por jovens centrados na escolha profissional**. In: LEVENFUS, Rosane (Org.) *Orientação vocacional ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LIBÂNEO, José. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2005.

LIBÂNEO, José. **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas**. In: PIMENTA, Selma (Org.). São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Diretrizes curriculares da pedagogia: imprecisões teóricas e concepção estreita da formação profissional de educadores. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 96, p. 843-876, out. 2006.

LOUZANO, Paula; ROCHA, Valéria; MORICONI, Gabriela; OLIVEIRA, Romualdo. **Quem quer ser professor? Atratividade, seleção e formação docente no Brasil.** Estudo de Avaliação de Educação, São Paulo, v. 21, n. 47, p. 543-568, set./dez. 2010.

MAZZOTTI, Tarso. **Pedagogia:** elementos para sua determinação e outros escritos. Cuiabá: UFMT, 1992.

MINAYO, Souza Cecília Maria de. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

NÓVOA, Antonio. **A formação tem que passar por aqui:** as histórias de vida no projeto PROSALUS. In: NÓVOA, A FINGER, M. O método (auto) biográfico e a formação. Lisboa, Ministério da Saúde, 1988.

NÓVOA, Antonio. **Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente.** Teoria & Educação. Porto Alegre, 1991.

_____. **Profissão professor.** Porto: Porto Editora, 1995.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. **O desenvolvimento profissional das educadoras da infância:** entre os saberes e os afetos, entre a sala e o mundo. São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, João. **Escolas gerenciais:** planos de desenvolvimento e projetos políticos-pedagógicos em debate. Goiânia: UCG, 2004.

OLIVEIRA, D. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. **Revista Educação e Sociedade**, v. 25, n. 89, p. 1127-1144, 2004.

ORGANIZATION FOR ECONOMIC COOPERATION AND DEVELOPMENT. Teachers matter: attracting, developing and retaining effective teachers. Paris: OECD, 2005.

PALAZZO, Janete. **A escolha do magistério como carreira: por quê (não)?**. ANPAE, 2011. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompletos/comunicacoesRelatos/0245.pdf>. Acesso em: 16 maio. 2013.

PIMENTA, Selma. **Pedagogia e pedagogos:** caminhos e perspectivas. In: PIMENTA, Selma (Org.). São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Pedagogia, ciência da educação?.** São Paulo: Cortez, 2011.

PIMENTEL, Gabriela; PALAZZO, Janete; OLIVEIRA, Zenaide. Os planos de carreira premiam os melhores professores? **Ensaio:** avaliação e políticas públicas em educação, Rio de Janeiro, v. 17, n. 63, p. 355-380, abr./jun. 2009.

POPKEWITZ, Thomas. Profissionalização e formação de professores: algumas notas sobre a sua história, ideologia e potencial. IN: NÓVOA, António (Coord.). **Os professores e a sua formação.** 2. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

RAMALHO, Betânia; NUNEZ, Isauro; GAUTHIER, Clernont. **Formar o professor,**

profissionalizar o ensino. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

RIOS, Terezinha. **Compreender e ensinar:** por uma docência da melhor qualidade. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ROCHA, L.; FIORENTINI, D. **O desafio de ser e constituir-se professor de matemática durante os primeiros anos de docência.** 28ª ANPED, Caxambu, 2005.

SACRISTÁN, J. **Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores.** In: NÓVOA, A. (Org.). Profissão professor. Portugal: Porto, 1995, p. 63-88.

SANTOS, Larissa. O papel da família e dos pares na escolha profissional. **Revista Psicologia em Estudo**, v. 10, n. 1, Maringá, jan./abril. 2005.

SARMENTO, M. **A vez e a voz dos professores.** Portugal: Porto, 1994.

SAVIANI, Demerval. **Interlocuções pedagógicas:** conversa com Paulo Freire e Adriano Nogueira e 30 entrevistas sobre educação. Campinas: Autores Associados, 2010.

SILVA, Rose; ESPOSITO, Yara; GATTI, Bernardete. **Características de los profesores de primiergrado en Brasil:** perfil e expectativas. Santiago, Chile, 1994.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

TARDIF, Maurice; LESSARD, C. **O trabalho docente:** elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, D. **Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério.** Educação & Sociedade, Campinas, v. 21, n. 73, p. 209-244, dez. 2000.

TARDIF, Maurice; FAUCHER, C. **Um conjunto de balizas para a avaliação da profissionalidade dos professores,** Porto: Areal, 2010.

VALLE, Ione. Carreira do magistério: uma escolha profissional deliberada? **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 87, n. 16, p. 178-187, mai./ago. 2006.

VARGAS, Hustana. **Sem perder a majestade:** “profissões imperiais” no Brasil. Estudos de Sociologia, Araraquara, v. 15, n. 28, p. 107-124, 2010.

VEIGA, Ilma. **Licenciatura em Pedagogia:** realidades, incertezas, utopias. Campinas: Papirus, 1997

VIANA, Eloíza. **Investir é importante:** porque não na criança?. Recife: Viana, 2009.

VON SIMSON, O. **Educação não formal:** cenários de criação. Campinas: UNICAMP, 2001.

WATSON, L., WATSON. F. **Interpreting life histories: an anthropological inquiry.** New Brunswick, Rutgers University Press, 1985.

Anexos

Questionário 1

I – Dados do Perfil Pessoal

1. Qual a sua idade?
23
2. Cidade de residência:
Santos
3. Cidade de nascimento:
Santos
4. Profissão do pai:
Guarda Municipal
5. Escolaridade do pai:
Ensino Médio
6. Profissão da mãe:
Atendente/caixa
7. Escolaridade da mãe:
Superior Incompleto

II – Dados da sua formação docente

Qual sua formação?

1. () Magistério Técnico
2. () Magistério Superior
3. () Pedagogia a distância
4. (X) Pedagogia presencial
5. () Outra licenciatura com complementação em Pedagogia
6. () Outros cursos de Graduação?
7. () Pós-graduação. Qual?

8. Qual a data de formação?
Dezembro/2011

9. A data no início da profissão?
Agosto/2008

III – Escolha da profissão

1. Você escolheu ser professora ou pedagoga?
Pedagoga. Acredito que na sala de aula você transmite muito mais do que só o conteúdo programático, você vive aquele momento, ensina, educa e transmite valores sociais e morais.

2. Escolheu trabalhar em escola particular ou pública?
Pública. Não tenho muita preferência, mas acredito que posso fazer mais pela escola pública e ajudar no desenvolvimento.

3. Há quanto tempo atua como professora/pedagoga?
Há quatro anos.

4. Se pudesse escolher outra profissão, qual escolheria?
Meu vínculo com crianças é muito forte, então minha outra profissão seria pediatra.

IV – Atividade Atual

1. Foi escolha sua estar na educação infantil? Justifique
Sim, prefiro trabalhar com educação infantil, pois acredito fielmente na transformação da sociedade e é na primeira infância que começamos a trabalhar essa transformação.

2. Se aqui houvesse ensino fundamental você optaria em trabalhar no infantil ou iria para o fundamental? Justifique
Continuaria na Educação Infantil.

3. Gostaria de ter outras atividades além da docência? Por quê?
Toda a atividade que envolva relacionamento social e a troca de saberes.

V. Considerações sobre a docência:

1. Por que você escolheu ser professora?
Porque acredito que a educação quando praticada com dedicação muda o cidadão e faz crescer a sociedade.

2. Como se tornou professora?
Com muito estudo e vivência. A experiência vivida e as pessoas que passaram nesses anos pela minha vida profissional me fez ser o que sou hoje.

3. Para você qual é o sentido de ser professora ou pedagoga?
A entrevistada não respondeu

4. Como você se sente quando acorda de manhã e tem que ir para a sala de aula?
Muito feliz, por saber que tenho pais que acreditam no meu trabalho e por ter crianças que evoluem com a nossa dedicação e planejamento.

5. Para você o que é ser um bom professor?
É gostar do que faz e trabalhar sempre buscando a evolução do educando.

6. Todo professor é um pedagogo na sala de aula? Sim/não/por quê?
Sim, quando ele vive e dedica-se à turma, transmitindo mais do que o conteúdo e sim valores para a formação do indivíduo.

7. Você se considera um bom professor? Comente.

Sim, gosto do que faço, e quando você gosta, independente da profissão, você se dedica, tende a ser um bom profissional.

8. O que lhe faz sentir um bom professor?
O carinho recebido e o reconhecimento de quem observa nossa dedicação.

9. Quando você tem certeza que é um bom professor? Exemplifique.
Quando tenho a sensação de dever cumprido.

10. Você é feliz sendo professora?
Sim, pois amo o que faço e amo mais ainda quando vejo o avanço deles.

11. Você acha que a pedagogia é uma ciência? Justifique.
Sim, pois ela estuda o comportamento e relacionamento humano.

Anexo

Questionário 2 I – Dados do Perfil Pessoal

1. Qual a sua idade?
28 anos

2. Cidade de residência:
Santos

3. Cidade de nascimento:
Santos

4. Profissão do pai:
Estivador (aposentado)

5. Escolaridade do pai:
1º Grau - incompleto

6. Profissão da mãe:
Dona de casa

7. Escolaridade da mãe:
1º Grau - incompleto

II – Dados da sua formação docente

Qual sua formação?

1. () Magistério Técnico
2. () Magistério Superior
3. () Pedagogia a distância
4. (X) Pedagogia presencial
5. () Outra licenciatura com complementação em Pedagogia

6. () Outros cursos de Graduação?
 7. () Pós-graduação. Qual?

8. Qual a data de formação?
 Ano 2011

9. A data no início da profissão?
 19/01/2011

III – Escolha da profissão

1. Você escolheu ser professora ou pedagoga?
 Pedagoga.
2. Escolheu trabalhar em escola particular ou pública?
 Não tive escolha...independente, queria trabalhar na área.
3. Há quanto tempo atua como professora/pedagoga?
 Há 1 ano e meio.
4. Se pudesse escolher outra profissão, qual escolheria?
 Veterinária.

IV – Atividade Atual

1. Foi escolha sua estar na educação infantil? Justifique
 Sim, eu adoro trabalhar com os pequenos.
2. Se aqui houvesse ensino fundamental você optaria em trabalhar no infantil ou iria para o fundamental? Justifique
 Infantil. Simplesmente eu gosto, mas futuramente posso pensar no fundamental.
3. Gostaria de ter outras atividades além da docência? Por quê?
 Não.

V. Considerações sobre a docência:

1. Por que você escolheu ser professora?
 Desde pequena sempre gostei, adorava brincar de escolinha e sempre queria ser a professora.
2. Como se tornou professora?
 Eu tenho outros cursos, mas não estava satisfeita. Eu pensava em fazer pedagogia, fiz o teste vocacional e deu Pedagogia. Resolvi então fazer faculdade e uma colega me indicou na área onde estou atualmente.
3. Para você qual é o sentido de ser professora ou pedagoga?
 Professora é aquela que ensina, e a pedagoga também porém tem uma formação para exercer a sua função.

4. Como você se sente quando acorda de manhã e tem que ir para a sala de aula?

Me sinto feliz, de estar trabalhando na área que eu gosto.

5. Para você o que é ser um bom professor?

É aquele que sabe ensinar, educar, respeitar e aprender com o aluno. É buscar se aprimorar, pesquisar e adquirir novos conhecimentos.

6. Todo professor é um pedagogo na sala de aula? Sim/não/por quê?

Sim, depende dele. Não adianta ter uma formação e não ter o comprometimento com a sala de aula.

7. Você se considera um bom professor? Comente.

Sim, porém acredito que posso melhorar.

8. O que lhe faz sentir um bom professor?

É saber que consegui transmitir um pouco do meu conhecimento, e ter a realização de formar um bom cidadão para o futuro.

9. Quando você tem certeza que é um bom professor? Exemplifique.

Quando eu vejo retorno do meu trabalho, é muito bom ver a evolução e o desenvolvimento da criança.

10. Você é feliz sendo professora?

Sim. Agora eu tenho certeza que me achei profissionalmente.

11. Você acha que a pedagogia é uma ciência? Justifique.

Acredito que sim, pois tem como objetivo o estudo da educação.

Anexo

Questionário 3

I – Dados do Perfil Pessoal

1. Qual a sua idade?

27

2. Cidade de residência:

Santos

3. Cidade de nascimento:

Santo Branca

4. Profissão do pai:

Engenheiro Mecânico

5. Escolaridade do pai:

Ensino Superior – Pós-Graduação

6. Profissão da mãe:

Operadora de Telecomunicações

7. Escolaridade da mãe:
Nível Técnico

II – Dados da sua formação docente

Qual sua formação?

1. () Magistério Técnico
2. () Magistério Superior
3. () Pedagogia a distância
4. (X) Pedagogia presencial
5. () Outra licenciatura com complementação em Pedagogia
6. () Outros cursos de Graduação?
7. () Pós-graduação. Qual?

8. Qual a data de formação?
Sem resposta da entrevistada.

9. A data no início da profissão?
Sem resposta da entrevistada.

III – Escolha da profissão

1. Você escolheu ser professora ou pedagoga?
Pedagoga por não passar apenas o conhecimento, mas educar, passar valores e entender melhor o desenvolvimento da criança.

2. Escolheu trabalhar em escola particular ou pública?
Pública.

3. Há quanto tempo atua como professora/pedagoga?
1 ano.

4. Se pudesse escolher outra profissão, qual escolheria?
Seria médica.

IV – Atividade Atual

1. Foi escolha sua estar na educação infantil? Justifique
Sim, acredito que a educação infantil é a base para educação da vida toda.

2. Se aqui houvesse ensino fundamental você optaria em trabalhar no infantil ou iria para o fundamental? Justifique
Infantil, acredito ser o meu perfil.

3. Gostaria de ter outras atividades além da docência? Por quê?
Quero ter atividades que acrescentem conhecimentos sendo ou não no campo da docência.

V. Considerações sobre a docência:

1. Por que você escolheu ser professora?
Para mim a profissão de professor é muito nobre, pois é ela que faz com que tornemos cidadão críticos.
2. Como se tornou professora?
Acredito que com a prática, pois assim conseguimos com a experiência do dia a dia.
3. Para você qual é o sentido de ser professora ou pedagoga?
É poder estar presente no desenvolvimento e na evolução das crianças.
4. Como você se sente quando acorda de manhã e tem que ir para a sala de aula?
Me sinto realizada de saber que estou contribuindo para formação e o desenvolvimento das crianças.
5. Para você o que é ser um bom professor?
Além de gostar do que faz é ser comprometido e se atualiza sempre para dar o melhor de si.
6. Todo professor é um pedagogo na sala de aula? Sim/não/por quê?
Para mim, o professor é um pedagogo quando não passa apenas o conteúdo, mas se preocupa com o desenvolvimento da criança.
7. Você se considera um bom professor? Comente.
Acredito que sim, pois sou comprometida e gosto muito do que faço me dedico muito para dar o meu melhor.
8. O que lhe faz sentir um bom professor?
Ser reconhecida saber que estão feliz com o meu trabalho e ver a evolução das crianças.
9. Quando você tem certeza que é um bom professor? Exemplifique.
Quando percebemos a evolução das crianças e seus avanços.
10. Você é feliz sendo professora?
Muito feliz.
11. Você acha que a pedagogia é uma ciência? Justifique.
É uma ciência que estuda o comportamento e o desenvolvimento e suas fases.

Anexo

Questionário 4 I – Dados do Perfil Pessoal

1. Qual a sua idade?
26 anos

2. Cidade de residência:
São Vicente

3. Cidade de nascimento:
São Vicente

4. Profissão do pai:
Pedreiro

5. Escolaridade do pai:
Fundamental Incompleto

6. Profissão da mãe:
Aposentada

7. Escolaridade da mãe:
Fundamental Incompleto

II – Dados da sua formação docente

Qual sua formação?

1. () Magistério Técnico
2. () Magistério Superior
3. () Pedagogia a distância
4. (X) Pedagogia presencial
5. () Outra licenciatura com complementação em Pedagogia
6. () Outros cursos de Graduação?
7. () Pós-graduação. Qual?

8. Qual a data de formação?
2011

9. A data no início da profissão?
2009

III – Escolha da profissão

1. Você escolheu ser professora ou pedagoga?
Sim. Acredito ter escolhido desde pequena, pois sempre dizia isso para minha mãe. Aos poucos fui investigando sobre a profissão e me identifiquei cada vez mais com a mesma.

2. Escolheu trabalhar em escola particular ou pública?
Sempre quis trabalhar em escola pública na qual atendesse um público de classe média ou baixa.

3. Há quanto tempo atua como professora/pedagoga?
A 3 anos.

4. Se pudesse escolher outra profissão, qual escolheria?
Assistente social ou Psicóloga.

IV – Atividade Atual

1. Foi escolha sua estar na educação infantil? Justifique
Sim. Gosto de trabalhar com os menores e acompanhar todo o processo de desenvolvimento que acontece com as crianças nessa fase.

2. Se aqui houvesse ensino fundamental você optaria em trabalhar no infantil ou iria para o fundamental? Justifique
Gostaria de trabalhar no infantil, pois me identifico com essa faixa etária.

3. Gostaria de ter outras atividades além da docência? Por quê?
Gostaria de poder trabalhar com os pais, acredito que as vezes a escola necessita de um profissional que faça uma função da parceria entre a escola e a família.

V. Considerações sobre a docência:

1. Por que você escolheu ser professora?
Gosto do que faço e escolhi ser professora, pelo fato de poder contribuir com a formação do ser humano e com a sociedade também. Escolhi ser professora, pois meu coração sempre me indicava essa profissão.

2. Como se tornou professora?
Iniciei o curso de pedagogia e um ano depois comecei a entregar currículos, até que fui chamada, comecei como monitora, no ano seguinte passei para auxiliar e hoje sou pedagoga.

3. Para você qual é o sentido de ser professora ou pedagoga?
É ter um olhar materno, mesmo diante de regras, amar o que faz, fazer não por obrigação, mas por que gosta. “É a arte de lidar com a vida”.

4. Como você se sente quando acorda de manhã e tem que ir para a sala de aula?
Muito bem, as vezes mesmo cansada quando chego na sala de aula e vejo os rostinhos me recepcionando com beijos, abraços e sorrisos, esqueço tudo e tento voltar a ser criança, pois além de passar um pouco do que sei para os pequenos e contribui para a sua formação, gosto de brincar, e ser um pouco criança também.

5. Para você o que é ser um bom professor?
É além de contribuir com a formação de seus de seus alunos, ter um olhar maternal muitas vezes, entender suas individualidade, não só falar, mas também ouvir.

6. Todo professor é um pedagogo na sala de aula? Sim/não/por quê?
Nem sempre, pois depende da formação que profissional tem.

7. Você se considera um bom professor? Comente.
É complicado falar de mim, mas sempre procuro fazer o melhor e ter muito respeito com o meu trabalho e comprometimento com a minha profissão.

8. O que lhe faz sentir um bom professor?
Está sempre em constante formação, ser flexível a novas ideias e buscar sempre algo novo para contribuir no desenvolvimento das crianças.

9. Quando você tem certeza que é um bom professor? Exemplifique.
Quando faço o meu papel dentro da sala de aula e também fora da mesma, pois ser professora é algo que esta dentro de mim e que onde estiver tenho a postura de um educador.

10. Você é feliz sendo professora?
Sim, cada vez mais.

11. Você acha que a pedagogia é uma ciência? Justifique.
Como já citei em outra questão anterior, uma professora minha definia a pedagogia da seguinte forma “Pedagogia é a arte de lidar com a vida”. Eu concordo com que esta frase e sempre utilizo a mesma para definir a pedagogia.

Anexo

Questionário 5

I – Dados do Perfil Pessoal

1. Qual a sua idade?
26 anos

2. Cidade de residência:
Praia Grande

3. Cidade de nascimento:
São Paulo - Indianópolis

4. Profissão do pai:
Zelador (falecido)

5. Escolaridade do pai:
8º Série - Completo

6. Profissão da mãe:
Doméstica e Costureira

7. Escolaridade da mãe:
4º Série - Completa

II – Dados da sua formação docente

Qual sua formação?

1. () Magistério Técnico
2. () Magistério Superior

3. () Pedagogia a distância
4. (X) Pedagogia presencial
5. () Outra licenciatura com complementação em Pedagogia
6. () Outros cursos de Graduação?
7. () Pós-graduação. Qual?

8. Qual a data de formação?
2010

9. A data no início da profissão?
2007 - Estagiária

III – Escolha da profissão

1. Você escolheu ser professora ou pedagoga?
Escolhi ser professora porque ainda não estava formada em Pedagogia e a única oportunidade enquanto estava estudando era de estagiária ou monitora de escola.
2. Escolheu trabalhar em escola particular ou pública?
No início da carreira trabalhei em escola pública como estagiária, durante um ano e 5 meses, gostando do sistema e depois tive a oportunidade de trabalhar em escola particular, mas fiquei apenas 2 meses, pois prefiro o sistema de ensino público.
3. Há quanto tempo atua como professora/pedagoga?
Contando toda minha experiência desde que comecei a estudar, já faz 5 anos, atuando nos três sistemas, público, particular e agora filantrópico.
4. Se pudesse escolher outra profissão, qual escolheria?
Se eu não gostasse tanto de ser professora, eu seguiria a área de administração, atuando em bancos ou outro setor administrativo.

IV – Atividade Atual

1. Foi escolha sua estar na educação infantil? Justifique
Sim. Pois quando eu entreguei meu currículo na escola em que estou atualmente, sabia que era de educação infantil e eu optei pela oportunidade que só acrescentou minha escolha como professora.
2. Se aqui houvesse ensino fundamental você optaria em trabalhar no infantil ou iria para o fundamental? Justifique
Como eu já estou nesta Instituição (A.I.S Gota de Leite) já faz 3 anos eu conheço um pouco da faixa etária e gostaria sim, se pudesse escolher, optar pelo ensino Fundamental e aprimorar minha atuação como educadora.
3. Gostaria de ter outras atividades além da docência? Por quê?
Sim, gostaria muito de ter a oportunidade de seguir carreira na educação, pois penso em crescer profissionalmente e me aperfeiçoar cada vez mais minha profissão.

V. Considerações sobre a docência:

1. Por que você escolheu ser professora?
Porque eu sempre admirei a profissão e também porque na minha família praticamente tem 5 pessoas formadas em Pedagogia ou Magistério. E além disso eu acredito que a pessoa sente que possui vocação para tal profissão.
2. Como se tornou professora?
Antes de atuar como professora eu escolhi outras áreas para atuar, sem sucesso e como era uma profissão que também gosto consegui uma bolsa do Prouni para estudar os quatro anos de pedagogia e logo no primeiro semestre eu já havia conseguido um estágio em um colégio público em Praia Grande e por aí só progredi.
3. Para você qual é o sentido de ser professora ou pedagoga?
O mais óbvio e incondicional. O de gostar da profissão e acreditar por meio dela que pode fazer a diferença na sociedade, mudando o modo de vida das pessoas, sem educação a sociedade não evolui.
4. Como você se sente quando acorda de manhã e tem que ir para a sala de aula?
Não posso dizer feliz, porque a preguiça atrapalha, mas é do ser humano. Mas contente por saber que ao chegar meus pequenos estarão me esperando para saber qual atividades irei propor no dia e fazer com que eles aproveitem enquanto estão longe dos pais. E o mais gratificante é saber que faço a diferença e sou referência para eles. Isso não tem preço.
5. Para você o que é ser um bom professor?
É estar sempre atualizada, buscando novas estratégias para ensinar, instigando as crianças a buscarem informação para o seu desenvolvimento, gostar do que faz e acreditar que a educação é importante para si para seus alunos.
6. Todo professor é um pedagogo na sala de aula? Sim/não/por quê?
Sim, com certeza. O professor é mais que pedagogo. É psicólogo, médico, terapeuta, nutricionista, educador, enfim de tudo um pouco. Sua função exige que o pedagogo utilize todos os seus recursos para lidar com o cotidiano da sala de aula.
7. Você se considera um bom professor? Comente.
Me considero boa a medida que as crianças vão me mostrando a direção. Depende de como as crianças responderão a minha proposta. Se evoluíram eu fui boa, se não evoluíram eu fracassei em algo e preciso rever onde está o erro.
8. O que lhe faz sentir um bom professor?
Simplesmente por gostar de educar, de estudar, de me atualizar, de ver as crianças desenvolvendo e ouvir dos pais que estão satisfeitos com o trabalho e muito mais, de que depois de um tempo e saber que ainda lembram de mim.
9. Quando você tem certeza que é um bom professor? Exemplifique.
Quando observo que a turma produziu o que eu ensinei em outros momentos e isso gera mudanças positivas nos comportamentos, que posteriormente gera mudança na sociedade e no seu modo de agir.
10. Você é feliz sendo professora?

Professor nunca pode dizer que é extremamente feliz, por que existe alguns fatores que impedem o mesmo de valorizar um bom trabalho, como as condições de trabalho, família, carreira, falta de motivação por parte dos órgãos competentes. Não citarei salário porque acredito que o mesmo não dá motivação para o educador, pois este recurso não paga o sofrimento e nem a humilhação que o educador passar no dia a dia. Mas a medida sou feliz, porque escolhi a profissão certa e quero crescer cada vez mais.

11. Você acha que a pedagogia é uma ciência? Justifique.

Sim. A pedagogia assim como a Educação como u todo é uma ciência inacabada, pois a todo instante é exigido do profissional que se mantenha atualizado buscando novas tecnologias para seu melhor desempenho em sala de aula.

Anexo

Questionário 6

I – Dados do Perfil Pessoal

1. Qual a sua idade?

23 anos

2. Cidade de residência:

Praia Grande

3. Cidade de nascimento:

Santos

4. Profissão do pai:

Falecido

5. Escolaridade do pai:

Sem resposta da entrevistada

6. Profissão da mãe:

Porteira

7. Escolaridade da mãe:

Fundamental II incompleto

II – Dados da sua formação docente

Qual sua formação?

1. () Magistério Técnico

2. () Magistério Superior

3. () Pedagogia a distância

4. (X) Pedagogia presencial

5. () Outra licenciatura com complementação em Pedagogia

6. () Outros cursos de Graduação?

7. () Pós-graduação. Qual?

8. Qual a data de formação?
01/2008 à 12/2011

9. A data no início da profissão?
04/2009

III – Escolha da profissão

1. Você escolheu ser professora ou pedagoga?
Sim. Quando estava no ensino médio eu dava aula de informática e descobri o prazer de ensino.

2. Escolheu trabalhar em escola particular ou pública?
Não escolhi. Durante a graduação tive a oportunidade de estagiar na escola particular, mas não gostei muito então apareceu no segundo ano de faculdade a oportunidade de trabalhar em uma creche filantrópica e assim estou até hoje.

3. Há quanto tempo atua como professora/pedagoga?
Há 9 meses.

4. Se pudesse escolher outra profissão, qual escolheria?
Talvez teria feito administração.

IV – Atividade Atual

1. Foi escolha sua estar na educação infantil? Justifique
Não. Foi a oportunidade que me apareceu enquanto cursava pedagogia.

2. Se aqui houvesse ensino fundamental você optaria em trabalhar no infantil ou iria para o fundamental? Justifique
Optaria em trabalhar no infantil, pois, é uma faixa etária que gosto de trabalhar. Ainda não trabalhei no fundamental, mas por enquanto tenho preferência no infantil.

3. Gostaria de ter outras atividades além da docência? Por quê?
Por enquanto não, ainda preciso ampliar muito mais meus conhecimentos, primeiro amadurecer na docência para assim pensar em algo mais.

V. Considerações sobre a docência:

1. Por que você escolheu ser professora?
Desde criança sempre brinquei de ser a professora, até um primo meu eu ajudei a alfabetizar mas descobri mesmo o gosto de ensinar quando eu fui instrutora de informática por dois anos.

2. Como se tornou professora?
A partir do momento que comecei a trabalhar na área.

3. Para você qual é o sentido de ser professora ou pedagoga?
Ser professor é a sabedoria de lidar com diferentes tipos de pessoas, é saber dar afeto, carinho, ao mesmo tempo ensinar o que é necessário. É ter o prazer de sempre estar

querendo ampliar seus conhecimentos para nunca deixar um aluno com dúvida, é pesquisar, é amar.

4. Como você se sente quando acorda de manhã e tem que ir para a sala de aula?

Me sinto muito bem, gosto do que faço, no máximo posso acordar com um cansaço físico, mas jamais com pensamentos negativos quanto ao meu trabalho.

5. Para você o que é ser um bom professor?

É ter prazer em trabalhar, mas a partir disso de uma forma natural seu trabalho sai bem feito, é ser o “espelho” para as crianças, não apenas ensinar, mas também dar o exemplo.

6. Todo professor é um pedagogo na sala de aula? Sim/não/por quê?

Comparando onde eu trabalho sim, pois todos tem a mesma função, seja pedagogo ou não.

7. Você se considera um bom professor? Comente.

Sim, pois todos os dias procuro exercer meu trabalho colocando o bem estar das crianças em primeiro lugar, e vendo que as crianças estão tendo um desenvolvimento saudável e feliz acredito que o trabalho está sendo bem feito.

8. O que lhe faz sentir um bom professor?

É por que as crianças estão se desenvolvendo de uma forma prazerosa e feliz.

9. Quando você tem certeza que é um bom professor? Exemplifique.

Principalmente ao fim do ano, observando como eram e como ficaram, o quanto se desenvolveram. E também o carinho que as crianças tem por nós, que é demonstrada no dia a dia. E quando os pais confiam e gostam, sinal que acreditam em nós e estão satisfeitos com o trabalho.

10. Você é feliz sendo professora?

Sim, muito!

11. Você acha que a pedagogia é uma ciência? Justifique.

Parafrasiando Marlene Bonachella, pedagogia é a arte de lidar com a vida.

Anexo

Questionário 7

I – Dados do Perfil Pessoal

1. Qual a sua idade?

30 anos

2. Cidade de residência:

Santos

3. Cidade de nascimento:

Santos

4. Profissão do pai:
Autônomo
5. Escolaridade do pai:
Ensino Fundamental
6. Profissão da mãe:
Falecida
7. Escolaridade da mãe:
Falecida

II – Dados da sua formação docente

Qual sua formação?

1. () Magistério Técnico
2. () Magistério Superior
3. () Pedagogia a distância
4. (X) Pedagogia presencial
5. () Outra licenciatura com complementação em Pedagogia
6. () Outros cursos de Graduação?
7. () Pós-graduação. Qual?

8. Qual a data de formação?
Dezembro 2010

9. A data no início da profissão?
Fevereiro 2007

III – Escolha da profissão

1. Você escolheu ser professora ou pedagoga?
Escolhi ser Professora, independente da nomenclatura , ambos exercem a mesma função (Professor/Pedagogo).

2. Escolheu trabalhar em escola particular ou pública?
Não fiz opção, mas pretendo dar aula em escola pública um dia.

3. Há quanto tempo atua como professora/pedagoga?
5 anos e 7 meses.

4. Se pudesse escolher outra profissão, qual escolheria?
Além de pedagogia, pretendo fazer Serviço Social algum dia.

IV – Atividade Atual

1. Foi escolha sua estar na educação infantil? Justifique

Sim, desde o dia em que optei em cursar pedagogia já pensava em trabalhar com Educação Infantil.

2. Se aqui houvesse ensino fundamental você optaria em trabalhar no infantil ou iria para o fundamental? Justifique
Gosto muito da Educação Infantil, mas trabalharia sem problema com Ensino Fundamental, seria um novo desafio.

3. Gostaria de ter outras atividades além da docência? Por quê?
Não.

V. Considerações sobre a docência:

1. Por que você escolheu ser professora?
Por gostar de crianças e para poder contribuir na formação delas.

2. Como se tornou professora?
Cursando pedagogia.

3. Para você qual é o sentido de ser professora ou pedagoga?
Transmitir o conhecimento e contribuir com a formação das crianças.

4. Como você se sente quando acorda de manhã e tem que ir para a sala de aula?
Bem, pois estou indo exercer a profissão que escolhi.

5. Para você o que é ser um bom professor?
É ter paciência, ensinar com amor e estar sempre a procura de novos conhecimentos.

6. Todo professor é um pedagogo na sala de aula? Sim/não/por quê?
Sim, ambos possuem o mesmo significado (Professor/Pedagogo).

7. Você se considera um bom professor? Comente.
Sim.

8. O que lhe faz sentir um bom professor?
Quando vejo a evolução das crianças.

9. Quando você tem certeza que é um bom professor? Exemplifique.
Perceber os resultados com os alunos, ver a evolução de cada um.

10. Você é feliz sendo professora?
Sim.

11. Você acha que a pedagogia é uma ciência? Justifique.
Sim, pedagogia é uma ciência que forma Professores, e uma ciência que engloba diferentes estudos.

Anexo

Questionário 8
I – Dados do Perfil Pessoal

1. Qual a sua idade?
26 anos
2. Cidade de residência:
São Vicente
3. Cidade de nascimento:
Santos
4. Profissão do pai:
Falecido
5. Escolaridade do pai:
Sem resposta da entrevistada
6. Profissão da mãe:
Professora
7. Escolaridade da mãe:
Ensino Superior

II – Dados da sua formação docente

Qual sua formação?

1. () Magistério Técnico
 2. () Magistério Superior
 3. () Pedagogia a distância
 4. () Pedagogia presencial
 5. () Outra licenciatura com complementação em Pedagogia
 6. () Outros cursos de Graduação?
 7. (X) Pós-graduação. Qual? Pedagogia Empresarial
8. Qual a data de formação?
Graduação Dezembro de 2010
9. A data no início da profissão?
Abril de 2009

III – Escolha da profissão

1. Você escolheu ser professora ou pedagoga?
Sim, os dois, a mesma função.
2. Escolheu trabalhar em escola particular ou pública?

Trabalho em uma Instituição filantrópica, no momento não tenho interesse em trabalhar em escolas particulares.

3. Há quanto tempo atua como professora/pedagoga?
Atuo na profissão há 3 anos.

4. Se pudesse escolher outra profissão, qual escolheria?
Ainda não sei, pois gosto do que faço, porém gostaria de uma profissão que melhor fosse remunerada.

IV – Atividade Atual

1. Foi escolha sua estar na educação infantil? Justifique
Sim, acredito muito na importância da educação infantil formando bases para conhecimentos futuros.

2. Se aqui houvesse ensino fundamental você optaria em trabalhar no infantil ou iria para o fundamental? Justifique
Continuaria na Educação Infantil, pois acho prazeroso trabalhar com as faixas etárias.

3. Gostaria de ter outras atividades além da docência? Por quê?
É importante procurar fazer atividades prazerosas visto que a profissão é desgastante, é preciso renovar o físico e mental, além do mais é ótima a possibilidade de outra renda.

V. Considerações sobre a docência:

1. Por que você escolheu ser professora?
Sempre tive muita vontade e afinidade com crianças o que me incentivou à professora.

2. Como se tornou professora?
Meu primeiro contato com a profissão foi em casa visto que minha mãe também é, apesar de ser uma profissão desgastante é recompensadora.

3. Para você qual é o sentido de ser professora ou pedagoga?
É uma profissão importantíssima mas não é valorizada o quanto deveria.

4. Como você se sente quando acorda de manhã e tem que ir para a sala de aula?
Bem, pois de manhã é o período em que as crianças estão mais receptivas à aprendizagem.

5. Para você o que é ser um bom professor?
É ter garra e estar buscando constantemente novos conhecimentos.

6. Todo professor é um pedagogo na sala de aula? Sim/não/por quê?
Sim, o que diferencia é apenas a nomenclatura a função é a mesma.

7. Você se considera um bom professor? Comente.
O bom professor é aquele que está em constante aprendizagem, eu procuro estar sempre buscando conhecimento para melhorar a prática.

8. O que lhe faz sentir um bom professor?
Ver o resultado do trabalho.

9. Quando você tem certeza que é um bom professor? Exemplifique.
Quando eu vejo que consegui acrescentar algo na vida das crianças.

10. Você é feliz sendo professora?
Sim, principalmente quando sou reconhecida.

11. Você acha que a pedagogia é uma ciência? Justifique.
Sim, pedagogia é a ciência que forma o professor.

Anexo

Questionário 9 I – Dados do Perfil Pessoal

1. Qual a sua idade?
23 anos

2. Cidade de residência:
Santos

3. Cidade de nascimento:
São Vicente

4. Profissão do pai:
Joalheiro

5. Escolaridade do pai:
A entrevistada não sabe responder

6. Profissão da mãe:
Autônoma

7. Escolaridade da mãe:
A entrevistada não sabe responder

II – Dados da sua formação docente

Qual sua formação?

1. () Magistério Técnico
2. () Magistério Superior
3. () Pedagogia a distância
4. (X) Pedagogia presencial
5. () Outra licenciatura com complementação em Pedagogia
6. () Outros cursos de Graduação?
7. () Pós-graduação. Qual?

8. Qual a data de formação?

2013

9. A data no início da profissão?

2009

III – Escolha da profissão

1. Você escolheu ser professora ou pedagoga?
Pedagoga.

2. Escolheu trabalhar em escola particular ou pública?
Não tive a opção de escolha.

3. Há quanto tempo atua como professora/pedagoga?
Este é meu 4º ano em sala.

4. Se pudesse escolher outra profissão, qual escolheria?
Jornalista, advogada ou trabalharia com moda.

IV – Atividade Atual

1. Foi escolha sua estar na educação infantil? Justifique
Sim, pois aceitei trabalhar na área.

2. Se aqui houvesse ensino fundamental você optaria em trabalhar no infantil ou iria para o fundamental? Justifique
Talvez se me preparasse mais atuaria no fundamental. Apesar que gosto bastante do infantil.

3. Gostaria de ter outras atividades além da docência? Por quê?
Sim, porque gosto bastante de conhecer e me relacionar em outras áreas.

V. Considerações sobre a docência:

1. Por que você escolheu ser professora?
Quando entrei na pedagogia foi por acreditar não me encaixar em nenhuma área e, como sempre gostei do público infantil, acabei pegando essa opção.

2. Como se tornou professora?
Fazendo graduação na área de Pedagogia.

3. Para você qual é o sentido de ser professora ou pedagoga?
Ambos necessita de uma pessoa que tenha se dedicado a ciência de estudo ou algo mais. Então, após tal preparo está apta a passar conhecimentos.

4. Como você se sente quando acorda de manhã e tem que ir para a sala de aula?

Depende cada dia acordo com um pensamento diferente. Mas ainda acredito que posso fazer a diferença para alguém..

5. Para você o que é ser um bom professor?

É ser dinâmico, estar atinado a assuntos, ter conhecimentos pedagógicos e saber passar estes. Ter responsabilidade com o seu educando e manter comprometimento com seu ensino.

6. Todo professor é um pedagogo na sala de aula? Sim/não/por quê?

Vai depender do profissional, que esteja relacionado e comprometido com seu trabalho. O fato de ser formado no ramo pedagógico também não quer dizer que seja um bom professor.

7. Você se considera um bom professor? Comente.

Não, apesar de me esforçar, acho que muitas vezes deixo de me dedicar mais a certos pontos.

8. O que lhe faz sentir um bom professor?

Ter certeza que sou importante para a formação de alguém.

9. Quando você tem certeza que é um bom professor? Exemplifique.

Quando vejo que o ensinei está se multiplicando. Ex: Passar conhecimento a uma criança e ter contato com seus pais que dizem que em casa ambos mudaram a atitude devido ao filho.

10. Você é feliz sendo professora?

Me pergunto isso todos os dias e não sei responder essa pergunta.

11. Você acha que a pedagogia é uma ciência? Justifique.

Sim, é uma ciência que capacita o indivíduo às técnicas para o ensinar.

Anexo

Questionário 10

I – Dados do Perfil Pessoal

1. Qual a sua idade?

25 anos

2. Cidade de residência:

Santos

3. Cidade de nascimento:

Santos

4. Profissão do pai:

Engenheiro/ Arquiteto

5. Escolaridade do pai:

Superior Completo

6. Profissão da mãe:
Enfermeira

7. Escolaridade da mãe:
Superior Completo

II – Dados da sua formação docente

Qual sua formação?

1. () Magistério Técnico
2. () Magistério Superior
3. () Pedagogia a distância
4. () Pedagogia presencial
5. () Outra licenciatura com complementação em Pedagogia
6. () Outros cursos de Graduação?
7. (X) Pós-graduação. Qual? Psicopedagogia e Alfabetização

8. Qual a data de formação?
2011

9. A data no início da profissão?
2004

III – Escolha da profissão

1. Você escolheu ser professora ou pedagoga?
Sim, escolhi a faculdade de pedagogia por ser a mais barata e para dar sequência aos planos de família (Pensamento inicial).

2. Escolheu trabalhar em escola particular ou pública?
Escolhi adquirir experiência onde me oferecesse.

3. Há quanto tempo atua como professora/pedagoga?
8 anos.

4. Se pudesse escolher outra profissão, qual escolheria?
Arquitetura.

IV – Atividade Atual

1. Foi escolha sua estar na educação infantil? Justifique
Sim, surgiu a oportunidade de trabalho e estou na mesma instituição desde do estágio.

2. Se aqui houvesse ensino fundamental você optaria em trabalhar no infantil ou iria para o fundamental? Justifique
Gosto de desenvolver meu trabalho com qualquer faixa etária, porém tem a preferência por maiores.

3. Gostaria de ter outras atividades além da docência? Por quê?

Me sinto por satisfeita em dar aula, aprendendo e observando os avanços no aprendizado infantil. Porém gostaria de fazer o trabalho da psicopedagoga. Gosto muito da educação especial.

V. Considerações sobre a docência:

1. Por que você escolheu ser professora?

Primeiramente para dar continuidade no plano da família em constituir uma escola. Mas depois percebi que é “dom” só é possível ser uma boa profissional, se gostar daquilo que estudou.

2. Como se tornou professora?

Surgiu uma oportunidade de estágio. Fiz o estágio e assim que me formei fui contratada à pedagoga.

3. Para você qual é o sentido de ser professora ou pedagoga?

Estabeleceu uma base da melhor forma, para a constituição do conhecimento à outro alguém. É buscar minuciosamente o que, de fato, será significativo à pessoa (Resumidamente)

4. Como você se sente quando acorda de manhã e tem que ir para a sala de aula?

Sinto feliz e disposta a dar o melhor de mim para o que vai ser realizado e/ou possa acontecer no dia.

5. Para você o que é ser um bom professor?

É aquele que faz o impossível para a satisfação do aluno, aquele que pesquisa, que procura, que está apto ao novo. Aquele que dá o melhor de si.

6. Todo professor é um pedagogo na sala de aula? Sim/não/por quê?

Todos não, alguns professores cumprem o que lhe é mandado, imposto, como uma ação mecânica. Não exerce o trabalho socializando-o com o grupo.

7. Você se considera um bom professor? Comente.

Sim, trabalho porque gosto do que faço e se faço gosto de fazer bem feito. Afinal são vidas e é preciso ser vivida da melhor forma.

8. O que lhe faz sentir um bom professor?

O resultado do trabalho refletido nas ações das crianças na maturidade, nos novos conhecimentos no aprendizado.

9. Quando você tem certeza que é um bom professor? Exemplifique.

Quando vejo uma criança que entrou na instituição sem saber pegar no lápis e sai com um conhecimento do mundo muito grande, escrevendo e lendo.

10. Você é feliz sendo professora?

Sim, muito.

11. Você acha que a pedagogia é uma ciência? Justifique.

Sim. Entendo que pedagogia vai além de dar aula de conhecer o ABC. É uma ação que conforme as experiências vão se modificando e acrescentando melhores habilidades para serem desenvolvidas.

Anexo

Questionário 11

I – Dados do Perfil Pessoal

1. Qual a sua idade?
26 anos
2. Cidade de residência:
Praia Grande
3. Cidade de nascimento:
Cubatão
4. Profissão do pai:
Técnico em telefonia
5. Escolaridade do pai:
2º Grau completo
6. Profissão da mãe:
Aposentada
7. Escolaridade da mãe:
2º Grau Incompleto

II – Dados da sua formação docente

Qual sua formação?

1. () Magistério Técnico
 2. () Magistério Superior
 3. () Pedagogia a distância
 4. (X) Pedagogia presencial
 5. () Outra licenciatura com complementação em Pedagogia
 6. () Outros cursos de Graduação?
 7. () Pós-graduação. Qual?
8. Qual a data de formação?
Ano 2009
9. A data no início da profissão?
Junho 2007

III – Escolha da profissão

1. Você escolheu ser professora ou pedagoga?
Ser professora.
2. Escolheu trabalhar em escola particular ou pública?
Por preferência escola pública, só trabalhei em particular e agora filantrópica.
3. Há quanto tempo atua como professora/pedagoga?
6 anos.
4. Se pudesse escolher outra profissão, qual escolheria?
Administrador.

IV – Atividade Atual

1. Foi escolha sua estar na educação infantil? Justifique
Foi, me identifiquei desde que comecei a estagiar.
2. Se aqui houvesse ensino fundamental você optaria em trabalhar no infantil ou iria para o fundamental? Justifique
Por estar a 6 anos com infantil, gostaria de dar aula para o fundamental.
3. Gostaria de ter outras atividades além da docência? Por quê?
Sim, para complementar a renda.

V. Considerações sobre a docência:

1. Por que você escolheu ser professora?
Porque foi a faculdade mais acessível em questão de valor.
2. Como se tornou professora?
Fiz a faculdade e estagiei, em seguida fui registrada em uma escola.
3. Para você qual é o sentido de ser professora ou pedagoga?
Transmitiu conhecimento para o próximo.
4. Como você se sente quando acorda de manhã e tem que ir para a sala de aula?
Me sinto bem, pois gosto do que faço.
5. Para você o que é ser um bom professor?
Estar sempre atualizado, ter paciência, carinho pela profissão.
6. Todo professor é um pedagogo na sala de aula? Sim/não/por quê?
Sim, pois temos função de transmitir conhecimento.
7. Você se considera um bom professor? Comente.
Claro, faço o melhor para garantir bons resultados com meus alunos, procuro organizar minhas aulas antecipadamente.
8. O que lhe faz sentir um bom professor?

Quando vejo a evolução dos alunos, quando sei que pude contribuir de alguma forma com a aprendizagem.

9. Quando você tem certeza que é um bom professor? Exemplifique.
Quando o conteúdo foi aprendido pelos alunos.

10. Você é feliz sendo professora?
Sim, gosto do que faço

11. Você acha que a pedagogia é uma ciência? Justifique.
Sim, pois com ela estamos sempre em constante aprendizado.